

3

Ensinaamentos bíblicos sobre a misericórdia

Este capítulo, sobre ensinamentos bíblicos, analisa a explanação de Walter Kasper sobre o tema, retomando os estudos dele sobre o Antigo e o Novo Testamento, com textos diversos para mostrar o termo “misericórdia” e a linguagem da misericórdia, e também manifestações da misericórdia de Deus e suas exigências ao longo do Antigo Testamento e no Novo Testamento, e depois mostraremos como o Papa Francisco, no Jubileu, retomou vários textos bíblicos para inspirar e motivar os fiéis para a prática da misericórdia. Levantaremos todos os textos bíblicos citados nas audiências e escolheremos alguns como destaques para mostrar o ensinamento enfatizado pelo Papa Francisco. Ao final, teremos uma seção de comentário para concluir a reflexão

3.1

Nas reflexões de Walter Kasper

Esta seção estuda as observações de Walter Kasper sobre a misericórdia a partir do estudo bíblico do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Esse estudo considera a linguagem, a atitude de Deus e a exigência de Deus para o povo agir com misericórdia.

3.1.1

A partir do Antigo Testamento

No capítulo no qual Walter Kasper discorre sobre o ensinamento do Antigo Testamento sobre a misericórdia, ele divide a sua apresentação em sete subtítulos. No primeiro deles, ele trata em geral da linguagem da Bíblia; ao segundo subtítulo, ele nomeia “a reação de Deus contra o caos e a catástrofe do pecado”; o terceiro subtítulo é para “a revelação do nome de Deus como revelação da sua misericórdia”; o quarto vai falar da “misericórdia divina como alteridade insondável e soberana de Deus”; já o quinto é para relacionar “a misericórdia, a santidade, a justiça e a fidelidade de Deus”; no sexto ele destaca “a opção de Deus pela vida e pelos pobres”; e o último subtítulo do capítulo dele destaca o tema da misericórdia nos “cânticos de louvor dos salmos”. Nesta seção de nosso trabalho percorreremos as ideias principais de todo o referido capítulo de Kasper, apresentando aqui o conteúdo da sua exposição também em várias seções, que recebem por sua vez subtítulos parecidos e que correspondem ao percurso feito por Walter Kasper.

3.1.1.1

No estudo sobre a linguagem bíblica da misericórdia

Como foi visto no nosso capítulo anterior, inspirado em vários lugares da obra principal de Walter Kasper, constatou-se que o tema da compaixão está presente na tradição da humanidade, seja no pensamento dos filósofos, seja nas grandes religiões. O nosso tema da misericórdia, que está em continuidade com a compaixão, também está relacionado com essa tradição da humanidade. Porém, Walter Kasper chama a atenção de que seria errado pensar que a Bíblia fosse apenas uma repetição do tema. Ele quer mostrar que a Bíblia tem seus próprios aprofundamentos e contribuições. Por isso, é importante verificar o que está dito na Bíblia, seja na linguagem bíblica, seja nos exemplos de atitude de misericórdia ensinada por Deus. Kasper vai mostrar que nem sempre aparece a palavra compaixão ou a palavra misericórdia, mas muitas vezes está presente um ensinamento próprio da misericórdia. Esses são pontos particulares do primeiro subtítulo tratado por ele no capítulo sobre o Antigo Testamento, quando fala da “linguagem da Bíblia”. Vejamos a seguir outros dados por ele apontados.

Walter Kasper considera que muitos pensam que a ideia de Deus no Antigo Testamento não seja exatamente a de um Deus compassivo, mas que seria “irado e vingativo”. Ele sublinha que na verdade é o mesmo Deus que é revelado no Antigo e no Novo Testamento. Porém, ele lembra que se pode admitir que em alguns relatos esta ideia parece surgir como verdadeira, nos textos citados por ele, onde se apresentam os perigos e ameaças ou na expulsão de populações nos textos Dt 7, 21-24; 9,3; Js 6,21; 8,1-29; 1Sm 15. E também cabe aqui pensar nos salmos de súplica, sobretudo em Sl 58, 83 e 109. Porém, cabe ressaltar que os textos são uma continuidade histórica da promessa de Deus aos homens, e, devem estar sempre ligados a uma ideia de testemunho de um único Deus, que acompanha toda a história Salvífica no evento principal, a vinda de Cristo. Essa revelação é progressiva e a ideia de compaixão e salvação já aparece desde o Antigo Testamento.

Essas críticas advindas de senso comum contribuíram para exercer sobre a religião e a teologia o afastamento das reflexões linguísticas sobre Deus, e sua essência mais genuína com a ideia de compaixão e misericórdia, e, gerando em consequência um pensamento em que a justiça fica desencontrada do sentido que esperamos da palavra misericórdia. Porém, para Kasper, segundo a Bíblia, a justiça encontra a misericórdia.

Portanto, Walter Kasper propõe o estudo linguístico da misericórdia, como característica principal para responder às interpretações do Antigo Testamento. E fica claro que se não for ligado ao Novo Testamento, ficará incompleto. Porque deveremos ter a ideia de que “os dois testamentos dão testemunho de um mesmo Deus.”¹

Walter Kasper assegura essa afirmação com o estudo da origem da palavra “misericórdia”, como fonte de esclarecimento da relação entre o Antigo e Novo Testamento em sua dimensão de justiça. Ele diz sobre a contraposição de justiça e misericórdia que: “esta visão não faz justiça ao processo de progressiva transformação crítica da ideia de Deus dentro do Antigo até ao Novo Testamento, nem do desenvolvimento interno do Antigo Testamento.”² Esta busca de sentido faz com que as diversas expressões assumidas na Sagrada Escritura esclareçam a etimologia e o significado da palavra misericórdia no Antigo e no Novo Testamento:

É significativo que o Antigo Testamento utilize para a compaixão e para a misericórdia o termo *rachamim*. Esta palavra provém de *rechem*, que designa o seio materno. Também se pode, com ela, fazer referência às entranhas de uma pessoa. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, estas são tidas como a sede dos sentimentos. As estranhas (*splánchna*) simbolizam, também no Novo Testamento, misericórdia que brota do coração. Da mesma forma *oiktirmós* é expressão de enternecimento, emoção dolorosa, empatia e altruísmo. Por último, tem importância a palavra *éleos*, que, originalmente, designava um afeto de enternecimento, mas que, mais tarde, se converteu na tradução do termo propriamente hebreu *hesed* ou também *hien*, que se tornou determinante sobretudo para a caracterização da misericórdia.³

As diversas interpretações aprimoram o entendimento e mostram a relação entre a punição de Deus diante dos delitos cometidos. Esta ligação faz-se entender com o uso do termo “justiça”, analisando as dimensões de justiça e sua relação com o coração do homem, e suas escolhas. Desta maneira, analisamos o poder sobrenatural de Deus intervindo na relação de justiça e misericórdia, e ambas as dimensões não afastadas do coração e nem de uma realização divina diante da problemática sofrida pelo povo, como nos mostra Kasper no referido texto de Dt 7, 21-24:

Não fiquéis aterrorizados diante deles, pois *Iahweh* teu Deus, que habita em teu meio, é Deus grande e terrível. *Iahweh* teu Deus pouco a pouco irá expulsando estas nações da tua frente; não poderás exterminá-las rapidamente: as feras do campo se multiplicariam contra ti. É *Iahweh* teu Deus quem vai entregá-las a ti:

¹ KASPER, Walter, *A Misericórdia – Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, p. 60.

² *Ibid.*, p. 60.

³ *Ibid.*, loc. cit.

elas ficarão profundamente perturbadas até que sejam exterminadas. Ele vai entregar seus reis em tua mão, e tu apagarás o seu nome sob o céu: ninguém resistirá em tua presença, até que os tenham exterminado.

Walter Kasper mostra que a palavra “coração” na Bíblia aparece como órgão de importância antropológica, e, através da mensagem da compaixão, Deus retira do ser humano os sentimentos de dores, angústias e julgamentos. No coração humano, Deus pastoreia novamente, retirando a intenção interpretativa que considera a ideia de castigo e punição. São citados alguns textos da Sagrada Escritura, como:

Pense-se nos salmos de lamentações de David pela morte do seu filho Absalão (cf. 2Sm 19). Jesus fica cheio de tristeza por causa da dureza de coração de seus adversários (cf. Mc 3,5) e cheio de compaixão pelo povo (cf. Mc 6,34) e pela viúva de Naim, que chora a morte do seu único filho (cf. Lc 7, 13); perante a morte do seu amigo Lázaro, Jesus enche-se de tristeza.⁴

Ao analisar o coração humano, Walter Kasper reconhece no coração humano a condição de vivenciar a misericórdia com forte necessidade de manifestar seus sentimentos, movendo no homem a busca por Deus e por ter sentimento de benevolência e indulgência. Acerca desse entendimento, ele ainda prossegue na análise do termo, como se observa na mesma obra principal que estudamos. Por exemplo, falando sobre o termo “*hesed*”, que vai significar também solicitude e indulgência, além de enternecimento:

O termo mais importante para a compreensão da misericórdia é *hesed*, que significa favor imerecido, afabilidade, benevolência e, por conseguinte, também designa a graça e a misericórdia divinas. Assim efetivamente, *hesed* vai para além dos meros enternecimento e tristeza pela aflição do ser humano e designa a solicitude livre e indulgente de Deus por ele.⁵

A compreensão da misericórdia de Deus não pode ser vista apenas sob uma única dimensão do conhecimento acerca da etimologia da palavra, nem tão pouco em alguns relatos do Antigo ou Novo Testamento, mas deve ser observada em toda a extensão da obra criadora de Deus contida na escrita de todo o texto sagrado. A Bíblia mostra de modo teológico uma construção sobre o coração e os seus sentimentos. O coração de Deus se entristece pelo homem e por seus pecados. Observamos este pensamento na obra de Kasper, também aludindo ao profeta Oseias “que, de modo incomparável e, na verdade, dramático, diz que o coração de Deus estremece e que se

⁴Ibid., p. 61.

⁵Ibid., p. 62.

Lhe comovem as entranhas (cf. Os 11, 8). A Deus move um amor verdadeiramente apaixonado pelo ser humano.”⁶

A misericórdia de Deus não é um conceito isolado, mas sim um dom de Deus, uma graça divina, favorecendo uma relação mútua de fidelidade de Deus com os seus, ultrapassando o desejável e, pois, Deus percebe o humano, e o coloca na sua escuta e solícito em sua necessidade, promovendo sempre uma nova oportunidade, sempre desarticulando o imaginário punitivo e limitado do pensamento humano.

3.1.1.2

No estudo de textos do Gênesis sobre primórdios e sobre Abraão

Walter Kasper reporta à criação, obra de Deus, no Gênesis, onde Deus faz tudo e vai levar o homem à plena presença do bem, e, em seguida, confia a sua obra ao ser humano. O uso da palavra misericórdia não está ligado apenas à sua extensão linguística ou etimológica, mas sim podemos reconhecer os traços da misericórdia de Deus atuando em sua totalidade nos diversos momentos da história da Salvação, revelando o projeto de Deus e sua obra misericordiosa. Isso tem com consequência que podemos considerar já a obra de Deus na criação e na sua entrega ao ser humano como gesto de solicitude e misericórdia.

A Revelação está fortemente ligada às dimensões da misericórdia desde a criação, neste projeto de liberdade e santidade doado para o bem. A manifestação promovida por sentimentos de Deus ao homem mostra o tudo para o homem e seu encontro revelador do amor misericordioso de Deus. As obras do bem reveladas na criação mostram a onipotência de Deus e seu relacionamento com o homem. Deus cria para o bem (cf. Gn 1, 4.10.12.18.20.25.31); este bem Ele apresenta na criação do homem e da mulher, criando-os à sua imagem e semelhança, e os bendiz e ordena para que sejam fecundos. Portanto, a misericórdia não apenas se limita na verificação etimológica da palavra, mas contém, sim, mais alcance na obra de Deus em toda a Revelação nos textos Sagrados.

Devido às escolhas humanas, que se fazem dentro da liberdade, o ser humano se afastou de Deus. A relação de harmonia começa a ser desfeita pelo afastamento do bem, e pela motivação do homem em querer ser Deus, e acabando por

⁶Ibid., loc. cit.

se afastar dos seus semelhantes e de Deus. Acontecendo diversas ações humanas contrárias à sua relação de unidade com Deus, como observamos nos fatos narrados no livro do Gênesis, se dão consequências para o relacionamento humano, tais como: “homem e mulher distanciar-se-ão mutuamente (cf. Gn 3, 16-19). Acontece o fratricídio de Abel às mãos de Caim (cf. Gn 4). O mal cresce então como uma alavanca, e as atitudes e as intenções dos seres humanos tornam-se cada vez piores (cf. Gn 6,5).”⁷ Tudo isso também tem consequência para as relações humanas, que assim não vive de acordo com a misericórdia de Deus. Porém o texto do Gênesis anunciará de novo a misericórdia.

No livro do Gênesis a misericórdia é assumida no desejo de Deus em salvar o ser humano da desgraça e insegurança de um afastamento de Deus. Apesar de uma compreensão errônea tida pelo ser humano, Deus mostra-nos em diversos episódios da narrativa do Gênesis, a segurança de sempre estar ao lado da condição humana, capaz de mostrar um novo caminho de graça. No texto, nas diversas ações de Deus feitas e intervindo na história do homem, fica clara a forma de atuar a misericórdia, como:

Ao expulsá-los do paraíso, Deus dá vestuário aos seres humanos, a fim de que estes se protejam das inclemências da natureza e possam preservar a sua dignidade (cf. Gn 3, 20). Ameaça com represálias quem quer que ponha a mão sobre Caim e faz uma marca na fronte deste último, com o intuito de impedir que ele seja assassinado (cf. Gn 4,15). Por último, depois do dilúvio tenta pôr em prática com Noé um novo princípio: garante a existência e a ordem do cosmos, bendiz novamente o ser humano e coloca sob a sua proteção especial a vida do homem enquanto imagem sua (cf. Gn 8, 23; 9,15s.).⁸

E diante do afastamento do homem, Deus assume as necessidades do humano e o acolhe, retirando da miséria e inclina-se a se humilhar para resgatá-lo. Walter Kasper afirma que Deus não permite ao homem o abandono:

Em todo caso, Deus não permite que o mundo e o ser humano se precipitem sem mais na catástrofe e caiam na desgraça. Pelo contrário, desde o princípio toma medidas para que isso não aconteça e intervém reiteradamente para pôr cobro à irrupção do caos e da catástrofe.⁹

A compaixão é onde Deus dispõe de toda a sua ação. Apresentando desde o princípio da criação o bem como proposta essencial e favorável na realização do ser humano, afastando sempre das ameaças do mal. Deus reprovava o mal, mas não se põe a

⁷Ibid., p. 63.

⁸Ibid., loc. cit.

⁹Ibid., loc. cit.

atacar e nem recriminar atos indisciplinados e rebeldes do homem, pois age no intuito de encontrá-lo; antes, age na história da humanidade, e o motiva no uso da liberdade sempre no objetivo de abençoá-lo e resgatá-lo, apresentando diversas propostas de aliança.

O agir de Deus está no caminho da renovação espiritual, provocando sempre bênção, onde resgata o povo, provocando uma confiança do povo novamente em si e na sua ligação com transcendente, transformando a incapacidade rebelde em uma liberdade livre de preconceitos, e motivado-os pelo exemplo dos patriarcas, como Abraão, Isaac e Jacó. E, inicia sempre uma série de bênçãos, onde são narrados os feitos dos diversos patriarcas com suas vidas de bem-estar e paz, sempre desfrutada no favor de Deus e também para os outros, mostrando sempre uma relação de confiança e perseverança (cf. Gn 24,12), como observamos, neste caso, na vida de Abraão. Portanto, essa é a revelação de Deus no Antigo Testamento sobre a criação e no início do povo no livro do Gênesis.

3.1.1.3

No estudo de textos sobre a revelação ao povo através de Moisés

A continuidade da obra reveladora de Deus acontece em uma profunda ligação à misericórdia de Deus. Esta se faz na percepção nos diversos momentos da história, nos exemplos das epopéias narrativas do livro do Êxodo, em particular nos momentos históricos essenciais para a história de Israel, como no monte Sinai ou monte Horeb. Este processo é contínuo e progressivo, revelando a compaixão divina e levando a transformar a vida daquele que busca por Deus, em conversão, em santidade e familiaridade, aproximando a face de Deus para o povo. Como observamos na narrativa do Êxodo, assim como Walter Kasper destaca em sua obra, já no início do livro do Êxodo encontramos a seguinte palavra de Deus: “Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios” (Ex 3,7s.; cf. v.9).

O resgate de Deus pelo humano determina sempre a dinamicamente a obra de Deus e sua forma pedagógica em lutar ao lado do homem, e o elevando sempre a contemplar e conhecer-se em espiritualidade e identidade sempre na harmonia de Deus. Esta forma de conduzir a libertação do povo está ligada ao nome de Deus dado a Moisés. Ela se mostra nitidamente na intervenção de Deus no diálogo com Moisés,

percebendo-se os acontecimentos do povo e as reais motivações de Deus diante das ameaças contra a liberdade sofridas por seu povo. A narrativa mostra que só através de um olhar novo para o lado de Deus se consegue deslumbrar a libertação e toda a autonomia de uma geração de homens que ficariam capacitados a exercer sua liberdade misericordiosa no mundo. Ou seja, a libertação dada por Deus poderia ensinar e capacitar para a misericórdia. Esse é um ensinamento que o texto inicial de Gênesis pode inspirar.

Na Revelação da misericórdia de Deus, Walter Kasper mostra ao leitor toda a compreensão do Antigo Testamento, sobre a história de Deus e a relação com a história de Salvação para o humano, no Horeb, assim como com Abraão, Isaac e Jacó, mesmo não usando a palavra misericórdia, mas sim uma forte atitude de misericórdia, de modo que Deus acolhe a aflição do seu povo, liberta e redime; isso ele nos mostra em textos citados, como: Ex 3,7.14 ; Ex 20,2; Dt 5, 6; Sl 81,1; 114,1 etc.

A Revelação é um processo sistemático e possibilita ao homem interagir com o sagrado. Esta superioridade das coisas terrenas em detrimento das do céu permite abandonar as falsas expectativas das derrotas e dos medos. No episódio da sarça ardente, Moisés rompe o medo e interage com Deus. Moisés dialoga com Deus, que lhe fale e lhe responde e mostra sua identidade. Nessa narrativa, na qual se supera a visão pessimista das coisas sofridas no Egito e das murmurações do povo, Deus o ajuda na maneira a renovar a possibilidade de perseverar mesmo diante dos sofrimentos. O sagrado é o lugar assumido e vivido pelo homem, no arder do fogo da sarça sai todo o agrado de Deus, revelando-se como Deus compassivo e misericordioso, na própria ideia que se revela como libertador ao dizer: “Eu sou aquele que sou” (Ex 3, 14).

Na Versão dos Setenta, tradução grega do Antigo Testamento, faz-se a interpretação no “sentido do pensamento helenístico como: “Sou Aquele que é”¹⁰. Esta visão marca o pensamento teológico durante os séculos. Ao observar tal motivação semântica, Walter Kasper analisa a tradução do Nome de Deus e suas características da Revelação, mostrando que o nome sempre está ligado à confirmação da Aliança, como mostra no texto citado de Ex 6,7: “Tomar-vos-ei para Mim como povo e Eu serei para vós Deus”.

¹⁰Ibid., p. 66.

Walter Kasper compreende nos estudos bíblicos a necessidade de procurar a estrutura das palavras com ligação direta ao ser de Deus no diálogo com o povo. Por isto, vê na revelação do monte Horeb a misteriosa essência transcendente de Deus revelada ao povo de Israel em compaixão. E percebe as “diferenças existentes entre o pensamento hebraico e o pensamento grego, pois, em relação com o pensamento hebraico e o pensamento grego, no primeiro, o ser não é uma magnitude estática, mas sim dinâmica. Para o pensamento hebraico, o ser é existência concreta, operante e eficaz.”¹¹ E o nome de Deus está em correlação com o sentido da Aliança.

No estudo da palavra “compaixão”, Walter Kasper percebe a nova maneira de manifestar-se a Revelação do Nome de Deus, que mais tarde será revelada no monte Sinai. Ou seja, ao revelar-se a Moisés de maneira especial, Deus se revelará na sua clemência e compaixão, sempre no sentido revelado de Misericórdia para o povo. O nosso autor chama a atenção de que essa misericórdia é um ato de soberania de Deus:

(...) a compaixão divina não é aqui entendida como uma proximidade própria de camaradas e isenta de distância, mas sim como expressão da absoluta soberania de Deus e da sua liberdade, que não resulta de nada nem de ninguém. *Yahvé* não se enquadra em nenhum esquema, nem sequer no da justiça compensatória; em razão da sua misericórdia, Ele concorda apenas consigo mesmo e com nome revelado a Moisés.¹²

Deus não permite, apesar do afastamento de Moisés, que entre no “vazio e na desgraça”¹³, mas se compadece sempre de modo livre, de pura bondade, ao voltar se com o seu amor. A compaixão de Deus revelada nos momentos dos Dez mandamentos e revelada em tábuas, mesmo diante do encontro de Deus clemente para com o homem, mostra em momentos a distância tomada por esse mesmo povo, afastando-se da aliança. E Moisés intercede junto a Deus, acontecendo de novo a Revelação do nome de Deus, concedendo a benevolência e sua misericórdia, havendo uma proximidade de caridade e liberdade, na libertação que Deus vai dar:

Assim, ordena Moisés que faça de novo as Tábuas da Lei. Apesar da infidelidade e da obstinação demonstradas pelo povo eleito, Deus não permite que ele caia no vazio e na desgraça. Renova a aliança e concede ao povo uma nova oportunidade, fazendo-o de modo totalmente livre e por pura benevolência.¹⁴

Walter Kasper ainda menciona a terceira revelação do nome de Deus: a Moisés, no Ex 34, 6: “*Iahweh* passou diante dele, e ele proclamou: *Iahweh! Iahweh...*

¹¹Ibid., p. 67.

¹²Ibid., p. 68.

¹³Ibid., loc. cit.

¹⁴Ibid., loc. cit.

Deus de ternura e piedade; lento para a cólera, rico em graça e em fidelidade”. Nesta terceira revelação já é possível perceber ainda mais a essência de Deus, para Israel; onde se transforma no credo do Antigo Testamento: a fé em Deus de misericórdia e compaixão.

O credo é concedido de um encontro de Moisés com Deus, onde se dá pela ação histórica onde Moisés é levado a pronunciar o Nome de Deus, e, assim é concedido conhecer a Glória de Deus. E a Deus, a partir do conhecimento na história, onde se dá a sua autorrevelação aos seres humanos, saindo de sua maneira oculta e permitindo-se ser encontrado, sendo Deus clemente e misericordioso, que se permite conhecer mediante a fé professada do humano experimentada em uma liberdade mística.

3.1.1.4

No estudo de textos sobre a revelação mediante os profetas e nos salmos

Para Walter Kasper, o tema da misericórdia permite compreender Deus como soberano, santo, totalmente outro. Assim, Walter Kasper reflete sobre a revelação bíblica em relação com o tema da alteridade de Deus. Essa revelação de Deus como o Outro, soberano, misericordioso, pode ser ilustrada com textos proféticos.

Portanto, Walter Kasper analisa a misericórdia divina com a alteridade de Deus, sendo insondável e soberana, a partir dos profetas, e descreve o ponto central da revelação veterotestamentária da misericórdia. E como principal profecia, temos o profeta Oseias, e, juntamente, a profecia de Amós. O povo violou a aliança e Deus rompeu com o povo, assim diz Oseias, que considera o povo afastado de Deus como voltado à infidelidade de “prostituta manchada”.¹⁵ Desta maneira, para ele Deus “decidiu não mostrar mais compaixão pelo povo infiel (cf. Os 1,6). Aquele povo já não será mais o seu povo (cf. Os 1,9).”¹⁶ No entanto, Deus acaba mostrando-se misericordioso no final.

O futuro parecia vedado, mas Deus afirma, no livro de Oseias: “O coração dá voltas dentro de Mim, comovem-se as minhas entranhas” (Os 11, 8). Porém, Walter Kasper afirma que a tradução é mais suave que o original hebraico. “Por quê? Porque a divina compaixão se inflama e Deus não quer dar rédea solta à chama da ira. Em Deus,

¹⁵Ibid., p. 69.

¹⁶Ibid., loc.cit.

a misericórdia vence a justiça.”¹⁷ Esta manifestação de Deus não apresenta sua arbitrariedade, mas, pelo contrário, mostra sua benevolência, “apazigua a sua ira e permite uma vez mais que a indulgência prevaleça sobre o direito”¹⁸. Deus é santo, sua bondade é a justificação, portanto, “a divindade de Deus torna-se patente na sua misericórdia. A misericórdia é expressão da essência divina.”¹⁹

Walter Kasper relaciona essas passagens do Antigo Testamento e nos apresenta que “Deus não é o Deus da ira e da justiça, mas antes o Deus da misericórdia”²⁰. Porém, não se trata de uma apatia ou distanciamento, mas um Deus humano e comovente, revelando-se totalmente outro ao lado do ser humano, totalmente o Outro. Desta maneira, “Deus mostra-Se, por um lado, humanamente comovente e, por outro, revela-Se, contudo, totalmente distinto de qualquer ser humano, como o Santo, o totalmente Outro”²¹. Determinado a cooperar sempre na busca pela liberdade do ser humano.

Assim, ao longo do texto, Walter Kasper chega à seguinte conclusão:

A soberania de Deus revela-se sobretudo no perdão e na absolvição. Perdoar e absolver da culpa só é possível para quem, longe de estar submetido às exigências da mera justiça, se encontra acima delas e, por conseguinte, pode indultar o outro do castigo justo e conceder a possibilidade de um recomeço. O único que pode perdoar é Deus, e o perdão faz parte da sua essência. “Porque Tu, Senhor, és bom e indulgente, cheio de misericórdia para quantos Te invocam” (Sl 86,5). Ele é “generoso em perdoar” (Is 55, 7). “Ama a misericórdia” (Mq 7, 18; cf. Ex 34,6; Sl 130,4).²²

O mistério de Deus se distancia de qualquer linguagem teológica. Descreve sobre isto Walter Kasper, relacionando esse mistério revelador do Outro e paradoxalmente totalmente próximo, que também destrói as incapacidades racionais do humano, pensadas apenas a partir de critérios pessoais ou comunitários, mas se mostra ao homem que a revelação é uma obra de misericórdia divina. Tal alteridade na qual Deus atua na história, é de um Deus de grande afeto pelo homem, porém, não distanciando dos homens e mulheres que erram, e cujos erros que refletem uma imagem distorcida da humanidade revelada de Deus. Por isso, o amor é a condição da revelação de sua misericórdia, como descreve Walter Kasper:

¹⁷Ibid., p. 70.

¹⁸Ibid., p.70.

¹⁹Ibid., loc. cit.

²⁰Ibid., loc. cit..

²¹Ibid., p. 71.

²²Ibid., loc. cit.

Na sua misericórdia, Deus revela-Se como totalmente outro e ao mesmo tempo, paradoxalmente, como totalmente próximo. A sua transcendência não é sinônimo de infinito afastamento, e a sua proximidade não deve ser entendida como camaradagem isenta de distância. O Deus misericordioso não é simplesmente o “bom Deus” que faz vista grossa às nossas maldades e negligências. Pelo contrário, a sua proximidade salvadora é expressão da sua alteridade e da sua incompreensível ocultação (cf. Is 45,15). Justamente enquanto próximo e manifesto, *Deus revelatus*, Deus é também o *Deus absconditus*. A misericórdia divina remete-nos à total alteridade de Deus e à sua absoluta incompreensibilidade, que é ao mesmo tempo a incompreensibilidade e a fiabilidade da sua bondade e do seu amor.”²³

No Antigo Testamento, portanto, a misericórdia de Deus é associada à Revelação divina, logo não está separada e nem autônoma. O nome de Moisés, como se manifesta no Antigo Testamento, mostra essa relação. Walter Kasper revela clareza ao ressaltar a forte percepção da misericórdia através de aspectos virtuosos como bondade e fidelidade. Estas virtudes reveladas nos profetas se comprovam nas pessoas que buscam as virtudes do alto para viver a santidade; logo, o projeto de Deus é transformar a vida do homem em misericórdia.

Sobre a santidade de Deus, pode ser lembrada a palavra hebraica *qados* “santo”, derivada de um verbo “separar”, “apartar”, que mostra a superioridade de Deus em relação com o mundo e as manifestações do mal. Walter Kasper menciona o texto do profeta Isaías 6, 3-5, para esclarecer o uso da palavra “santo” em todas as dimensões. Essa manifestação, apesar de toda a ideia de encontro e bondade, não mostra o distanciamento de inocência; mostra, sim, uma consciência misericordiosa de Deus, levado pela sua generosidade e grandeza, visto que os erros e as maldades humanas não devem distanciar as pessoas da conversão e da santidade, mas elas devem ter uma mudança radical, e entrega a Deus. A ideia de santidade de Deus pede a conversão.

Por causa da sua essência, Deus sempre se opõe ao mal; por isso, “a mensagem da justiça divina não pode ser apagada da mensagem do Antigo nem do Novo Testamento, nem eliminada por meio de interpretações minimizadoras.”²⁴ A justiça e a santidade se correlacionam. Elas são confirmadas na justiça de Deus. E, resultando dessa constatação, observa-se também misericórdia para com os seres humanos frágeis e pecadores, e os mais desfavorecidos.

²³Ibid., p. 71.

²⁴Ibid., p. 73.

Portanto, a mensagem da misericórdia exige de nós uma responsabilidade, capaz de exercitarmos em nós a prática do “direito e da justiça”²⁵. A misericórdia é dada pela graça de conversão, possibilitando retirar da consciência humana a ideia de castigo ou sentimentos culposos, mas valorizando no homem dimensões para lidar com as tensões preconceituosas ou passadas, que levam em muitos casos a desmotivar a justiça misericordiosa e criacional em Deus. Por isso, a justiça e misericórdia de Deus pedem justiça e misericórdia do ser humano para com os outros.

A liberdade é outro aspecto percebido como manifestação da misericórdia de Deus, tomada de modo a entregar-se totalmente ao ser humano na fidelidade total de doação. Esta doação incondicional confere a solidez de entrega e resgate de tudo que fora perdido anteriormente, na entrega aos desejos do mal. Como destaca em sua obra Walter Kasper, a misericórdia se dá na fidelidade. Deus é misericordioso e fiel. No Novo Testamento vai ficar clara a fidelidade filial de Deus em Jesus Cristo, que vai se revelar ao ser humano na sua entrega a favor da humanidade. Será fiel à misericórdia de Deus e ao ser humano. Diz Kasper sobre a fidelidade da misericórdia desde o Antigo Testamento:

Com isto a misericórdia de Deus corresponde à sua fidelidade. A aliança com a qual Ele Se comprometeu por livre bondade é fiável. Ele dá firmeza e confere-lhe solidez. A misericórdia é expressão de uma obrigação interior que Deus livre e graciosamente assumiu consigo mesmo e com o povo por ele escolhido. Na sua absoluta liberdade, Deus é ao mesmo tempo absolutamente fiável. N’Ele se pode confiar, com Ele se pode contar em qualquer situação, nas suas mãos podemos colocar-nos com total tranquilidade.²⁶

Walter Kasper nesta parte do capítulo analisa, além das palavras já percebidas do Antigo Testamento, tais como: “misericórdia”, “compaixão”, “santo”, “bênção”, destaca a palavra “crer”. Tal significado pleno se dará no Novo Testamento, porém, ele destaca a fidelidade do homem em crer no projeto de Deus seguindo com firmeza o projeto proposto por Deus após os diversos momentos vividos pelo povo, retirando-se toda a incompreensão dos momentos da discórdia e opressão, para ver e compreender a entrega a Deus na confiança total de sua misericórdia, como se destaca:

Crer não denota os meros enunciados de fé, significa confirmar em Deus, apoiar-se n’Ele, afirmar-se n’Ele, ganhar solidez n’Ele. “Crer” é encomendar-se confiadamente na fidelidade e na misericórdia divinas.”²⁷ Portanto, “crer” significa

²⁵Ibid., loc. cit.

²⁶Ibid., p. 74.

²⁷Ibid., p. 74.

dizer “amém” a Deus, confiando nas suas bondade e fidelidade, assim como na sua limitada misericórdia. Na fé, o ser humano ganha firmeza e solidez; na fé é-lhe oferecido um espaço vital fiável.²⁸

Walter Kasper afirma: “A mensagem veterotestamentária da misericórdia não é uma mensagem puramente espiritual. Trata-se de uma mensagem de vida, à qual é inerente uma dimensão encarnadamente concreta e social.”²⁹ Walter Kasper, portanto, recria e fundamenta a maneira do entendimento da Palavra de Deus associada à misericórdia e tem como objetivo descrever a fidelidade do homem ao encontro com Deus como maneira pela qual acontece uma movimentação da compaixão a misericórdia. Começa com a misericórdia de Deus, que leva o ser humano à misericórdia.

Walter Kasper analisa nas Sagradas Escrituras a especial atenção de Deus pelas pessoas pobres. Aonde lembra “a lembrança de que Israel foi pobre no Egito (cf. Ex 22, 20; Dt 10, 19; 24, 22) e de que Deus libertou o seu povo da escravidão e o resgatou com braço estendido (cf. Ex 6,6; Dt 5,15) teve repercussões.”³⁰ E alcançando a terra prometida “o amor e a solicitude de Deus têm como destinatários especiais os pobres e débeis.”³¹ E neste e em outros momentos da Sagrada Escritura, acontecem a intervenção e cuidado de Deus pelos mais necessitados.

Esta disposição para o cuidado e a solicitude se vê especial na opção de Deus na vida dos profetas. “Começam com a dura denúncia que o profeta Amós faz da exploração, da prevaricação e da opressão (cf. Am 2, 6-8; 4, 1.7-12; 8, 4-7) e a sua crítica à frivolidade da camada mais importante da sociedade (cf. Am 6, 1-14). Como verdadeiro culto a Deus, Amós exige o direito e a justiça, em vez de majestosas festas e holocaustos (cf. Am 5, 21-25).”³² Em Amós, e nos outros profetas, mencionados nesta seção do capítulo, Walter Kasper afirma: “palavras de alento para os pobres, os quais encontram no Deus de Israel a escuta, o refúgio, a compaixão, o direito e o consolo (cf. Is 14, 32; 25, 4; 41, 17; 49,13; Jr 22, 16) que os ídolos não estão em condições de lhes oferecer (cf. Br 6, 35-37).”³³

²⁸Ibid., p. 75.

²⁹Ibid., loc. cit.

³⁰Ibid., p. 75.

³¹Ibid., loc.cit.

³²Ibid., p. 77.

³³Ibid., p. 77.

Assim, nos profetas a promessa de Deus se dirige aos pobres e pequenos. Portanto, pode-se afirmar que mostra uma “opção preferencial pelos pobres, pelos carentes de poder e pelos pequenos. Sentimo-nos quase tentados a falar da utopia de uma nova ordem social. Mas a palavra “utopia” seria desacertada. Pois não se trata de um projeto humano, mas antes da vontade de Deus a vida das pessoas, da sua promessa escatológica.”³⁴

Neste contexto ainda do Antigo Testamento se envolvem os que chamamos de pobres, os grupos de “*anawim*”, “insignificantes, desfavorecidos, oprimidos, mansos e humildes, que não tinham nada para esperar do mundo e colocavam a sua esperança exclusivamente em Deus”³⁵. Este período veterotestamentário mostra uma expectativa para o período do Novo Testamento. Nos pontos em que os textos do Trito-Isaías mostram o Messias para enviar e curar o povo de suas feridas, e de toda a dominação social, temos dados que são novamente retomados nas narrativas de Mateus ou Lucas. Portanto, Kasper analisa esta comunicação da misericórdia narrada no Antigo Testamento, que é projetada no Novo Testamento.

Contextualizando toda a história de Israel com a experiência dos Salmos, Walter Kasper afirma ser do modo de agir de Deus a justiça e a misericórdia, não contendo em sua ação o jeito impetuoso de resolver os conflitos humanos, mas age como santidade e misericórdia, mostrando nos Salmos sua capacidade de proteger os justos, mas se compadecendo dos mais pobres pelos abusos sofridos, como se afirma:

Deus apazigua, uma e outra vez, a sua justa e santa ira e, apesar da infidelidade do seu povo, mostra-Se misericordioso com ele, concedendo-lhe uma nova oportunidade para se converter. Deus é o protetor e guarda dos pobres e carentes de direitos. Sobretudo os Salmos são a prova que refuta concludente mente a reiterada afirmação de que o Deus do Antigo Testamento é um Deus zeloso, vingativo e irado; antes pelo contrário, desde o Livro do Êxodo aos Salmos, o Deus do Antigo Testamento é “clemente e compassivo, é paciente e misericordioso” (Sl 145,8; cf. Sl 86,15; 103,8; 116,5).³⁶

Nos Salmos temos a expressão de inúmeras passagens de misericórdia. Nestes textos, a partir de seu desenvolvimento narrativo e sua elaboração histórica, apresentam-se em diversos modos a vida do povo e do indivíduo naquele momento e as diversas maneiras em que experimentam a misericórdia presente em suas orações dos

³⁴ Ibid., loc. cit.

³⁵ Ibid., p. 78.

³⁶ Ibid., p. 79.

salmos. Desta maneira, os Salmos expressam o amor e a fidelidade de Deus pelo seu povo. No ápice dos gêneros dos salmos para a experiência da misericórdia, aparece a súplica. Nela está o pedido e nela se caracteriza a recepção do perdão dos pecados. assim, os Salmos assumem em um contexto geral do povo uma verdade e sabedoria vindas da vontade Deus. Os salmos incluem assim orações que suplicam a misericórdia. Kasper analisa essa dinâmica e cita alguns exemplos dessa riqueza. Além da súplica, aparecem nos salmos as afirmações de louvor e de meditação sobre a misericórdia de Deus. Além disso, os salmos mostram que o Senhor faz a misericórdia com os pobres oprimidos e ensina-nos a fazer misericórdia.

“Todos os caminhos do Senhor são amor e fidelidade, para os que guardam a sua aliança e os seus preceitos” (Sl 25,10). “Mas a tua bondade, Senhor, chega até aos céus, e a tua fidelidade até às nuvens” (Sl 36,6). “O Senhor é misericordioso e compassivo, é paciente dos filhos, assim o Senhor Se compadece dos que O temem” (Sl 103,13). Tal como nos profetas, também nos Salmos a atenção, o consolo e a ajuda de Deus dirigem-se aos pobres e aos oprimidos (cf. Sl 9, 10. 19; 10,14.17; 22,25; 113,4-8 etc.)³⁷

A mensagem da misericórdia é então passada através de todo o Antigo Testamento. Kasper analisa a obra dos textos do Antigo Testamento em vista do Novo Testamento. Entre os textos do Antigo Testamento, mostra-se o período tardio de Israel como motivação para o envolvimento do povo com a literatura textual.

3.1.2

No Novo Testamento

Nesta parte, onde Walter Kasper faz uma análise das obras dos Evangelhos, principalmente nos textos das obras de Mateus e Lucas. E centraliza sobre os aspectos teológicos, avalia primeiramente a história pública de Jesus e toda sua narrativa antes a atividade de Jesus. Walter Kasper levanta as principais características do Evangelista Lucas, determinando sua seriedade narrativa e seus esclarecimentos de reflexão testemunhal, e, afirma que Lucas aborda em sua redação um vasto conteúdo para à compreensão bíblica da misericórdia:

O que há que levar a sério é, sobretudo, a afirmação de Lucas de que investigou cuidadosamente tudo o que narra no seu Evangelho, incluindo, portanto, a referida pré-história. Por conseguinte, Lucas outorga valor à credibilidade do seu relato (cf. Lc 1, 2-4).³⁸

3.1.2.1

³⁷Ibid., p. 78.

³⁸Ibid., p. 82.

Nos Evangelhos da Infância

Kasper analisa nesta parte da pesquisa a narrativa dos textos do Novo Testamento, as pré-histórias e as tradições oculares que serviram de base para elaboração das redações finais que conhecemos, como nos textos de Mateus e Lucas, principalmente pesquisados. A principal procura é observar os testemunhos históricos e as narrativas e buscar nelas a veracidade dos atos narrados com aquilo que é concluído teologicamente. Para isto, Kasper observa no “Evangelho da Infância” as motivações para pesquisar as tradições que orientaram as fontes narradas, para o nascimento de Jesus, com suas conclusões de fato histórico e a iniciativa de Deus em favor da humanidade.

A pré-histórica e veracidade dos fatos sobre a vida de Jesus, tendo em conta a concepção virginal em Maria e o nascimento em Belém, e esses fatos chegam-nos ao conhecimento pelas narrativas feitas pelos autores sagrados. Kasper recorre dessa maneira à narrativa de Lucas, onde faz uma investigação. Ele faz a análise dessa história dos fatos narrados e suas tradições, pesquisa o tema do nascimento de Jesus, mostrando em seu início narrativo a veracidade dos fatos (cf. Lc 1,2). Apresenta ao leitor o critério da narrativa pré-histórica baseada em testemunhos. Depois desenvolve o seu evangelho mostrando como Deus veio ao encontro dos seres humanos e se empenhou por eles com misericórdia.

O Evangelista Lucas esclarece as características do conteúdo do livro e aponta para o entendimento bíblico da misericórdia. Esta importância histórica demonstra toda a verdade dos atos que os textos trazem, com o valor e objetivo teológico da história de Jesus, destacando Belém e o período do nascimento de Jesus, com as situações que envolvem esse contexto, histórico e político. Kasper comenta dados pré-históricos do Evangelho e o tema do nascimento nesta parte do seu livro, valorizando que Lucas havia investigado cuidadosamente:

O que há que levar a sério é, sobretudo, a afirmação de Lucas de que investigou cuidadosamente tudo o que narra no seu Evangelho, incluindo, portanto, a referida pré-história. Por conseguinte, Lucas outorga valor à credibilidade do seu relato (cf. Lc 1, 2-4).³⁹ Enquanto Mateus a história, retirada do conteúdo investigativo feita por Kasper analisa sob outro viés afirma a ser datada “no tempo do rei Herodes.”⁴⁰

³⁹ Ibid., p.82.

⁴⁰ Ibid., loc. cit.

A narrativa do Evangelho de Lucas, mesmo sendo um acontecimento histórico, não pode ser enquadrada na história humana como conhecemos ou até entendemos de exatamente um fato histórico; mas trata-se de um relato adaptado, vindo da iniciativa divina, que Lucas considera e que relata com uma interpretação, onde usa a inteligência humana, para narrar fatos revelados para história da Salvação no encontro da humanidade. Nos textos onde é narrado o nascimento de Jesus, temos suas particularidades narrativas, sendo que Lucas remonta à situação histórica da humanidade inaugurada em Adão (cf. Lc 3, 23-28). Já em Mateus temos em outro sentido a árvore genealógica, em relação com Abraão. Mostrando o sentido de totalidade histórica e do povo, em ambas as narrativas os textos celebram o acontecimento histórico associado sempre ao fato do nascimento, revelado pelo Espírito Santo, para o entendimento da narrativa da história humana como iniciativa de Deus ao encontro do ser humano em uma histórica salvífica.

Desta maneira, ao analisar a obra do evangelista Mateus ou Lucas, se constata a necessidade narrativa de expressa essa verdade histórica, marcada pela forte sensibilidade teológica, provocando no leitor uma característica sempre nova, característica que não se esclarece ao conhecimento humano inteligível somente pelo racional, mas mostra à humanidade de Jesus a ação de Deus, e de maneira espiritual encontra o coração do humano. A ação de Deus, mesmo sendo em fatos históricos narrados sequencialmente inspirados pelo Espírito Santo, é narrada pelos evangelistas com a presença fecunda do Espírito Santo no seio da humanidade, sendo o nascimento de Jesus um fato vindo de uma iniciativa milagrosa sem explicação humana, mas que significa algo do amor misericordioso de Deus e sua salvação ao encontro do ser humano:

Muito maior e mais assombroso do que a concepção virginal é o milagre da vinda de Deus ao mundo, da sua encarnação. Isso mesmo está expresso no nome “Jesus”, que significa “Deus ajuda”. Jesus é o Emanuel, o Deus conosco (cf. Mt 1, 23). Assim, na pré-história de Jesus fala-se do acontecimento que na história pública de Jesus se dá sempre como certo. Essa pré-história informa-nos de quem é Jesus e de onde vem.⁴¹

A história desenvolvida nos Evangelhos de Mateus ou Lucas revela o conteúdo teológico da vinda do Messias e o sentido de sua missão. O Filho de Deus vindo, manifesta a força e o sentido da Palavra prometida no Antigo Testamento e dada

⁴¹ Ibid., p. 83.

agora no Novo Testamento. A encarnação e o ministério público são temas essenciais para a compreensão do sentido de Cristo. Os relatos são narrados com o conteúdo comunitário que os evangelistas mostram. Mostram a busca do povo por Deus e a disponibilidade em receber Dele a Salvação. Mostram Jesus realizando a salvação. A Revelação sendo um ato público narrado pelos autores sagrados, apresenta o encontro do Mestre com a humanidade, desde a concepção virginal e o nascimento e depois nas diversas dimensões de sua vida pública. Os conteúdos narrados são desenvolvidos e mostram a dinâmica do sentido da compaixão em continuidade com o conteúdo pré-histórico de Jesus. E nessa profunda misericórdia de encontro de Jesus com o ser humano, somos sempre visitados por Cristo para sairmos de nossas trevas e modelos ultrapassados. Este momento histórico relevante para a compreensão do legado de Jesus sobre o mundo e sua missão, de salvação com misericórdia, Kasper destaca como origem pré-histórica do Evangelho e elemento fundamental da mensagem do próprio Evangelho:

Esta pré-história é, por assim dizer, um evangelho *in nuce*, que se desenvolve completamente sob o sinal da misericórdia de Deus. Ele entende a história de Jesus como cumprimento da história da promessa e da salvação (cf. Mt 1, 22). Faz parte da história da compaixão (*éleos*).⁴²

Kasper percebe a história dos Evangelhos, sempre analisados em sintonia com o milagre da concepção virginal e a entrada histórica do encontro de Jesus com a promessa advinda da obra messiânica, considerando que “somos visitados pela luz que nasce do alto para iluminar todos os que habitam nas trevas e nas sombras da morte (cf. Lc 1, 78 s.)”.⁴³ A compaixão acolhe o povo perdido de Israel e aproxima a humanidade de Deus, inaugurando uma nova etapa de condição da liberdade humana, a nova e definitiva Aliança. A pré-histórica (dos dados da vida de Jesus e relatos supostos para os evangelhos) apresenta o acontecimento que se dá como certo na vida de Cristo, durante sua permanência histórica e que é anunciado no Evangelho.

A história messiânica acontece nas situações diversas. Estas são classificadas como inexplicáveis no sentido humano, mas só a forte intervenção da autoridade de Deus pode favorecer a esperança e a mudança da situação presente pela misericórdia. Walter Kasper analisa o contexto das narrativas tendo como evento

⁴²Ibid., p. 83.

⁴³Ibid., loc. cit.

principal e decisivo na história, a vinda do Messias e sua missão compassiva. Ela estaria presente na missão do Messias:

Essa consumação messiânica acontece entre pessoas que, embora descendendo de uma longa linhagem, a linhagem de Aarão (cf. Lc 1,6) e de David (cf. Mt 1, 20; Lc 1,27; 2,4), se contam igualmente como é o caso de Zacarias e de Isabel (cf. Lc 1, 5), de Simeão e de Ana (cf. Lc 2, 25-38), entre a gente simples e devota, entre a gente sossegada e silenciosa do país que espera especialmente a chegada do Messias.⁴⁴

A pré-história fala-nos sobre Jesus e a história do sinal misericordioso de Deus, nos fatos históricos onde nos diversos personagens narrados se cumprem as promessas do dom da misericórdia. Assim, são eles são cumpridos posteriormente, são realizáveis na união de Deus em Cristo, apresentando o favor de Deus que “acolheu a Israel, seu servo, lembrando da sua misericórdia” (Lc 1,54). A intervenção de Deus se dá nas descendências veterotamentárias, mas também se aprofunda nas pessoas simples e devotas do Novo Testamento, onde se mostra o cumprimento profético da promessa salvífica de Deus na história:

(...) tal como já Ana, a mãe de Samuel, a celebrou no seu hino de ação de graças: história na qual Deus dá a morte e a vida, concede a pobreza e a riqueza, faz cair e levantar (cf. 1Sm 2, 1-11). Ana antecipa o Sermão da Montanha, no qual, contra toda a lógica meramente humana, os pobres, os aflitos, os não violentos, os misericordiosos, os pacíficos e os perseguidos são chamados bem-aventurados (cf. Mt 5, 3-11; Lc 6, 20-26).⁴⁵

As narrativas históricas ultrapassam os limites territoriais e abrem-se para toda a humanidade, ultrapassando os limites territoriais de Israel. Como é o caso dos relatos de Moisés, Abraão, Adão, é a visão cósmica dos reis magos do Oriente. As mensagens neotestamentárias procuram mostrar no conjunto de toda extensão da ação de Deus na terra a realização da paz, onde todos podem gozar a ação de Deus no mundo e já favorecendo e encaminhando a peregrinação escatológica desde o povo do Antigo Testamento agora com a promessa sendo cumprida e anunciada no Novo Testamento.

Os evangelistas mostram com simplicidade e de modo inesperado a história de uma Natividade que envolve de Luz, transformando a Terra em paz e união dos povos. A vinda do Messias, portanto, é uma história factual, com momentos precisos e narrados pela cultura do povo, não sendo contos lendários, mas de feitos históricos da

⁴⁴Ibid., p. 84.

⁴⁵Ibid., p. 84.

Antiga Aliança, onde apresenta a compaixão e a intervenção de Deus em cooperar com a humanidade. Desta maneira, Walter Kasper afirma-nos:

Assim, a pré-história dos evangelistas é precisamente o contrário de uma lenda popular idílica. Este relato transtorna todas as nações e expectativas normais: o Salvador nasce de uma virgem e não num palácio, mas sim num estábulo de uma estalagem no meio de pastores pobres e desprezados. Nunca se inventou nada assim. Esta não é uma linguagem das sagas nem dos mitos. No início, o estábulo; no final, o cadafalso: “Isto é material histórico, não é material dourado como aquele que ama a saga.” Mas é precisamente a mercê desta tensão e deste contraste entre o cântico celestial dos anjos e a brutal realidade histórica que todo o relato da Natividade irradia uma magia específica que, desde a Antiguidade, abalou os ânimos de inúmeras pessoas e comoveu os seus corações.⁴⁶

Esta história narrativa só pode ser compreendida na sua extensão significativa se for orientada para “o quadro do milagroso”⁴⁷. Um profundo desejo de Deus rompe do silêncio e vem ao encontro do humano. A história pode ser orientada por um único fim. Deus “comunica-Se-nos cheio de graça e de verdade na sua Palavra eterna encarnada (cf. Jo 1, 1s.-14).”⁴⁸ A Palavra de Deus põe fim a este silêncio, a pré-histórica torna-se real na compreensão da cena da mística da Natividade, como narra a experiência de São Francisco, que Kasper apresenta na história celebrada pelo Natal, e que permanece sempre atual:

São Francisco foi quem primeiro propôs que se montasse um presépio, a fim de tornar assim visível o amor divino que nos foi manifestado de modo incompreensível. E há hoje inúmeras pessoas, incluindo muitas que se distanciaram da vida da Igreja, que continuam a visitar o Deus-Menino no Presépio e a experimentá-lo como um raio de amor que ilumina e de esperança no meio de um mundo obscuro.⁴⁹

3.1.2.2

Nos Evangelhos, a Compaixão do Pai

Nos evangelhos a misericórdia se revela nos sinóticos e no quarto evangelho. Falaremos primeiro dos dois primeiros sinóticos. Nesses Evangelhos, nas narrativas de Marcos e Mateus, encontramos textos de relatos de cumprimento das diversas profecias do Antigo Testamento. Nesse importante objetivo, o Novo Testamento transmitiu a novidade e conseqüentemente a totalidade do cumprimento do Evangelho e o diálogo de Deus com o homem, provocando na nova aliança a cura e a

⁴⁶Ibid., p. 85.

⁴⁷Ibid., loc. cit.

⁴⁸Ibid., loc. cit.

⁴⁹Ibid., p. 86.

conversão. Com o Cristo, ele assume uma esperada e importante mudança de época; para instaurar e consumir-se o Reino de Deus. Esta novidade, do Reino narrado de modos diversos pelos vários textos, mas na mesma conclusão, apresenta o mundo numa experiência de encontro com o Pai.

Assim, o Evangelho de Marcos narra-nos sobre a expulsão dos demônios; em Lucas, a aparição de Jesus na sinagoga no dia de Sábado, onde se proclama o Evangelho como libertação e ano de graça, em relação aos necessitados. E para Mateus, as obras de Cristo estão em conexão com sua misericórdia, onde as obras em relação aos pobres têm forte significatividade pelo mundo presente de amor e misericórdia.

No Evangelista Marcos o tempo histórico de Cristo comunica a experiência sensível do Reino de Deus, presente e próximo à humanidade. Por isso, mostra a necessidade da conversão, como atitude necessária para o desejo de estar com Deus: “arrependei-vos e acreditai no Evangelho (Mc 1, 14).”⁵⁰ Existe a apresentação da Graça de Deus em favor aos homens, onde se realizam as “curas milagrosas dos enfermos de todo o tipo e na expulsão dos demônios, quer dizer, contra os poderes que destroem a vida dos seres humanos.”⁵¹ Dessa atitude, Marcos nos mostra a necessidade de buscar o modo de vida de um coração curado para sentir-se na misericórdia de Deus.

O Evangelho de Lucas descreve a libertação e o cumprimento da promessa definitiva no meio dos homens, para o encontro pleno da Aliança. Esta se realiza em sua maior intenção em meio aos pobres, pecadores e agonizantes. Lucas esforça-se em apresentar Deus que não descansa em encontrar o homem, o pecador, o excluído, o perdido, e faz a busca da dignidade humana, para cumprir o Reino:

Cumpriu-se hoje esta passagem da Escritura” (Lc 4, 18.21). Também Lucas vincula a obra de Jesus à sua pessoa, mas de um modo tal que nesta identificação em concreto fica plasmado o caráter escandaloso da sua mensagem.⁵²

Para o Evangelista Mateus, a mensagem messiânica de Cristo está na caridade de obras de misericórdia, em favor dos pobres. Nisso está a vontade de Deus, no serviço ao mais próximo ser humano. Para Mateus, só seguindo o Evangelho na força de um trabalho contínuo para olhar o outro em sua necessidade, no que existirá a verdadeira misericórdia e compaixão, como Kasper bem mostra na descrição das obras, as pessoas vencendo a si próprias e indo ao encontro dos mais necessitados:

⁵⁰Ibid., p. 87.

⁵¹ Ibid., p. 87.

Para São Mateus, as obras de Cristo são, por conseguinte, as ações de cura e de ajuda da misericórdia. A solicitude pelos miseráveis e pelos pobres, pelos pequenos e pelos insignificantes de um ponto de vista humano é, deste modo, a quinta-essência da missão messiânica de Jesus. Jesus volta a ligar essas obras à sua pessoa: “E bem-aventurado aquele que não encontra em Mim ocasião de escândalo (Mt 11, 5s.; cf. Lc 7,22s.).”⁵³

Os textos sinóticos resumem nas bem aventuranças de Cristo, seja em Marcos, em Mateus ou Lucas, o intuito de assumir o desejo de resgatar os pobres como pertença à autonomia da misericórdia provinda de Deus, e levando a cabo a mensagem em favor a de toda fraternidade, que acontece com o espírito misericordioso daqueles que conseguem enxergar a pobreza em todas suas formas. A misericórdia não se limita a ajudar a alguém na pobreza social ou apenas na espiritual, mas a vive em toda sua capacidade e missão, reconhecendo todas as dores nas quais a alma sucumbe. A misericórdia está em levar a encontrar o autor do cuidado e da esperança. Por isso, Jesus carrega os fardos pesados e age com compaixão, em curar os enfermos, e compadecendo-se sempre de todos, os chama a todos de “os prediletos do Pai”. Para os que interagem nessa relação, e compreendem e reconhecem o Filho em toda a essência da mensagem da misericórdia, no Evangelho fica claro este despojamento de Cristo:

Sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 29). Compadeceu-Se quando se encontrava-se com um leproso (cf. Mc 1, 41) ou quando vê o sofrimento de uma mãe que perdeu o seu único filho (cf. Lc 7, 13). Sente compaixão pelos numerosos enfermos (cf. Mt 14, 14), pelo povo que tem fome (cf. Mt 15, 32), pelos cegos que Lhe suplicam que tenha piedade deles (cf. Mt 20,34), pelas pessoas que são como ovelhas sem pastor (cf. Mc 6,34). Junto ao túmulo do seu amigo Lázaro, emociona-Se e chora (cf. Jo 11, 35-38). No grande discurso sobre o juízo, identifica-Se com os pobres, os famintos, os miseráveis e os perseguidos (cf. Mt 25,31-46). Assim, uma e outra vez saem pessoas ao seu encontro gritando: “Tem misericórdia de mim” ou “tem misericórdia de nós” (Mt 9,27; Mc 10,47s. etc.). Na cruz ainda tem tempo de perdoar ao bom ladrão e de orar por aqueles que O crucificaram (cf. Lc 23, 34.43).⁵⁴

O Evangelho é anúncio definitivo da misericórdia de Deus. Esta imagem da divindade de Jesus se mostra na sua misericórdia. O pecado das pessoas no mundo estaria em se afastar do amor e da misericórdia de Deus. Assim estaria também no sentido de pobreza espiritual, na distância de Deus. Ao considerar os pecadores, Jesus dirige sua mensagem a esse grupo, que, mesmo sendo pobres espirituais, afastados da essência de Deus, Jesus não os discrimina como tais, mas chama para a conversão. O desejo de Deus é aproximar-se deles e os fazer livres em suas considerações

⁵³Ibid., loc. cit.

⁵⁴Ibid., p. 88.

particulares. Desta maneira, o anúncio da misericórdia é estendido de maneira universal, aos pobres ou ricos, aos justos e aos pecadores, para que se convertam, e o acolhimento da misericórdia dependendo do evangelho e de sua ação no mundo. A mudança surge da perspectiva pessoal de encontro e na atitude do pecador em renunciar das coisas que fazem estarem apegados e sem sentido, para buscarem a eterna alegria e felicidade, fazendo-se rico na graça de Deus, e sentindo esse amor de Deus exigente e desafiante.

O centro da mensagem de Jesus é ocupado pela mensagem do Pai, e mostra a necessidade de estarmos conectados sempre a Ele, dirigindo-lhe nossas orações, como Jesus que ensinou aos discípulos a oração do “Pai Nosso”, mostrando a relação mais íntima e famosa nos textos de Mateus e Lucas (cf. Mt 6,9; Lc 11,2). Desta oração, Kasper constata a relação íntima de Deus com a humanidade, com amor e cuidado, onde não destaca os pedidos feitos dos humanos, como mostra em muitos eventos do encontro com Jesus com o povo, em diversos momentos do Evangelho:

Jesus acrescenta que, ao orar, não necessitamos de dizer palavras grandiloqüentes, pois o Pai sabe aquilo de que necessitamos (cf. Mt 6,8). Podemos apresentar-lhe as nossas preocupações. Assim, como cuida dos pássaros do céu e das flores e das ervas do campo, assim também Ele sabe – e em ainda maior medida – aquilo de que os homens necessitam (cf. Mt 6, 25-34).⁵⁵

Kasper ao pesquisar nos textos sinóticos seu estudo, observa nos Evangelho de Lucas e Marcos, o caráter da perfeição de Deus esta centrado na essência da misericórdia, ultrapassando toda a compreensão humana de entendimento dessa perfeição divina:

O evangelista Lucas coloca toda a mensagem de Jesus no ponto certo. Onde São Marcos fala da perfeição de Deus (cf. Mt 5,48), ele põe em relevo a misericórdia divina (cf. Lc 6,36). Assim, para Lucas a misericórdia é a perfeição da essência divina. Longe de condenar Deus perdoa; dá e oferece numa medida generosa, cheia, que satisfaz transbordante. A misericórdia divina é, por assim dizer, desmesurada: ultrapassa qualquer mediada.⁵⁶

3.1.2.3

A mensagem das parábolas sobre o Pai misericordioso

A mensagem misericordiosa de Deus revela esta essência de encontro, em resgatar toda a humanidade para o encontro com Cristo, rosto misericordioso do Pai. O conteúdo narrativo é vasto na sua estrutura bíblica, mas no senso coletivo da

⁵⁵ Ibid., p. 90.

⁵⁶ Ibid., loc. cit.

humanidade, dois relatos são visto, em especial nas “parábolas do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37) e do filho pródigo (cf. Lc 15, 11-32).”⁵⁷ Nesses textos observamos toda a iniciativa de Deus e a sua maneira de transmitir a misericórdia, portanto, “tornando verdadeiramente proverbiais”⁵⁸, narrados em diversos momentos na Igrejas, principalmente nos momentos litúrgicos, revelam no coração de quem as ouve, uma verdadeira experiência sensível de Deus pessoal e presente no seio da humanidade.

Kasper analisa o rosto da misericórdia, no texto do bom samaritano, analisando no samaritano. Este homem desprezado pelo povo judeu e julgado em sua condição, foi o mais atendo em exercitar a iniciativa de Deus, o cuidado ao outro e o desapego de si, para exercitar a compaixão. Ao vê o homem caído, o samaritano, ao contrário do sacerdote e do levita, esquece de todo seu cotidiano e mostra atenção ao homem, e inclinando-se sobre as dores de um outro, desconhecido e rejeitado, ajuda em suas despesas, presta todo auxílio necessário:

Na parábola do bom samaritano, é significativo que Jesus nos apresente como modelo de misericórdia precisamente um samaritano. Os judeus da época consideravam os samaritanos como judeus ortodoxos, mas antes desprezíveis semipagãos. Deve ser tido igualmente provocatório para os que escutavam Jesus o fato de terem sido um sacerdote e um levita os primeiros a passar pelo homem vítima de assalto que jazia a beira da estrada, enquanto foi precisamente um samaritano quem se deteve e cuidou dele. O samaritano não passa distraído junto daquele homem que, tendo sido brutalmente espancado por bandidos, jazia impotente na beira da estrada. Quando o vê, compadece-se sobre o pó do caminho, presta ao ferido os primeiros socorros e limpa as feridas. Por último, paga adiantadamente e com generosidade ao estalajadeiro despesas adicionais e a assistência necessária.⁵⁹

A narrativa do Evangelista Lucas, permite visualizar a Lei afastada do amor e conseqüentemente uma fé longe da ética da misericórdia, não conseguindo prover a iniciativa amorosa e compassiva do povo judeu em relação ao homem que cai e o esquecem naquele lugar. Este homem não tendo sua identidade revelada, não fazendo parte de nenhum grupo ou casta familiar, se faz determinar ainda mais o preconceito por ele. Kasper vê a necessidade de reconhecer esta crítica e vislumbrar o ensinamento da parábola na compreensão do amor misericordioso de Deus, e, analisam os aspectos de quem seria o próximo, e porque não fora conduzido a ação da misericórdia por aqueles

⁵⁷ Ibid., loc. cit.

⁵⁸ Ibid., p. 91.

⁵⁹ Ibid., loc. cit.

que deveria realizar. O texto fica claro que o meu próximo sai dessa compreensão dimensional, o próximo são todos os seres humanos:

Jesus conta esta parábola em resposta à pergunta: quem é, pois, o meu próximo? A sua resposta reza assim: não é qualquer pessoa que esteja longe, mas antes aquela de quem nos fazemos próximos, aquela com que encontramos de uma força concreta e que, na situação que vive, precise da nossa ajuda. Jesus não prega o amor àqueles que estão longe, mas sim ao próximo, àqueles que estão perto de nós. Esse amor não fica sujeito a vínculos familiares, nem à amizade, nem à pertença a um determinado grupo religioso ou étnico. Concretiza-se na pessoa concreta que sofre e que tem necessidade e com a qual nos encontramos no caminho.⁶⁰

Kasper analisa o texto do bom samaritano, mostrando o valor e o significado do amor vindo da essência de Deus em favor do outro, a todos que de maneira concreta, no encontro mais nobre da compaixão, não importando a condição social, cultural ou econômica. Kasper destaca o valor da busca por atitudes de perdão e misericórdia, vencendo a si mesmo e as ideias preconceituosas regendo o agir, afastando de uma liberdade de escolha por Deus o uso da misericórdia, como nos apresentam no texto:

Na parábola do bom samaritano, é significativo que Jesus nos apresente como modelo de misericórdia precisamente um samaritano. Os judeus da época consideravam os samaritanos como judeus ortodoxos, mas antes desprezíveis semipagãos. Deve ser tido igualmente provocatório para os que escutavam Jesus o fato de terem sido um sacerdote e um levita os primeiros a passar pelo homem vítima de assalto que jazia a beira da estrada, enquanto foi precisamente um samaritano quem se deteve e cuidou dele. O samaritano não passa distraído junto daquele homem que, tendo sido brutalmente espancado por bandidos, jazia impotente na beira da estrada. Quando o vê, compadece-se sobre o pó do caminho, presta ao ferido os primeiros socorros e limpa as feridas. Por último, paga adiantadamente e com generosidade ao estalajadeiro despesas adicionais e a assistência necessária.⁶¹

A narrativa do filho pródigo, outro texto expressivo, responde a prática de uma Lei que em muitos momentos não vive da misericórdia, entrando em desacordo com o sentido de justiça e perdão. Jesus dessa maneira expressa o sentimento do coração bondoso do Pai em revelar sua ação Salvífica, em toda a sua maior expressão, como nos remete o texto de Walter Kasper:

(...) Jesus expressa a maior e mais elevada justiça do Pai celestial. E com as parábolas afirma: assim como Eu me comporto, assim se comporta também Deus para com os pecadores ou aqueles que são tidos como tais.⁶²

Nesta parábola, do filho pródigo o que deveria ser chamada de parábola do Pai misericordioso, mostra a justiça de Deus em favor do filho mais jovem, mesmo

⁶⁰Ibid., loc. cit.

⁶¹ Ibid., p. 91.

⁶²Ibid., p. 92.

diante de sua perdição, percebemos o uso da justiça de Deus, mesmo sem “os termos “justiça” e “misericórdia”⁶³; não parecendo na narrativa do texto. Percebemos “a misericórdia do Pai ultrapassando toda a justa medida esperada. A justiça não se orienta pelos bens materiais, mas sim pela dignidade filial do Pai em relação ao filho, o critério do amor.”⁶⁴

A parábola expressa todo o amor do Pai, não aparecendo em nenhum texto narrativo, mas somente de modo extraordinário, na narrativa de Lucas. E, desta maneira, vislumbra o amor benéfico do Pai, a favor não apenas do filho mais jovem, mas de toda a humanidade com sua redenção por todos, ultrapassando todo comportamento humano e suas expectativas de entendimento, a verdade e o perdão são misteriosos da graça de Deus, não sendo compreendida pelo humano, mas vivido na mais nobre busca e assimilação, como cita o autor, Walter Kasper:

Com a parábola do filho pródigo, Jesus quer dizer: assim como Eu atuo, atua também o Pai. Nesta parábola, a misericórdia do Pai é justiça suprema. Também caberia aqui afirmar: a misericórdia é a mais perfeita realização da justiça. A misericórdia de Deus leva o ser humano a “regressar à verdade acerca de si mesmo. A compaixão divina não humilha o homem. (...) a relação de misericórdia baseia-se na experiência daquele bem que é o homem, na experiência comum da dignidade que lhe é própria.”⁶⁵

As parábolas têm dimensão de aprofundar um ensinamento sempre novo do Pai, servindo de apresentar os sentimentos humanos do Pai, sentindo sempre compaixão, empatia e misericórdia. A conduta pessoal mostra o comportamento do homem em detrimento ao do Senhor Jesus, nestas narrativas, interpreta a maneira ética ou moral por Ele, que reflete na conversão pessoal, e logo, se justifica na maneira de compreender a si e ao outro, valorizamos o outro na justiça misericordiosa do amor incondicional:

(...) na parábola do filho pródigo se conta a nossa própria história. Nós próprios somos filhos transviados, também nós devemos converter-nos. Por isso, não tenhamos medo. É o próprio Deus quem sai ao nosso encontro e toma nos seus braços. Ele não nos humilha; pelo contrário, restitui-nos a nossa dignidade de filhos.⁶⁶

Jesus em suas mensagens narrativas descreve a iniciativa do Pai e a mensagem de misericórdia, com o objetivo de transmitir o impactante sentido de

⁶³Ibid., loc. cit.

⁶⁴Ibid., loc. cit.

⁶⁵Ibid., p. 92.

⁶⁶Ibid., p. 93.

mudança na vida, onde carregada a beleza narrativa do Evangelho, conduzir o sentimento comportamental de desvalorizar os bens pessoais, e, mudar na decisão de buscar os bens perenes, construindo sempre na justiça e misericórdia de Deus.

Kasper descreve a iniciativa do Pai, onde o compadecer pelo outro é o resultado final de toda a mensagem compassiva do Senhor, nesta maneira de ver a face do Deus em Jesus, os filhos transviados podem e devem converter no exemplo libertador de Jesus, onde mostra toda a sua essência, onde manifesta a bondade compadecendo das fraquezas dos outros; “é o próprio Deus quem sai ao nosso encontro e nos torna nos seus braços. Ele não nos humilha; pelo contrário, restitui-nos a nossa dignidade de filhos.”⁶⁷

3.1.2.4

A pró-existência de Jesus

A mensagem de Jesus suscita entusiasmo, como nos aparecem diversos exemplos de suas mensagens, a multidão o seguia e procuravam saber de sua missão e curas. Porém, estes acontecimentos, mobilizado pela inveja de seus adversários o entusiasmo por Ele, vai sendo transformado em perseguição, começam a conspirar contra os feitos de Jesus e desvalorizar as diversas ações suscitadas por Jesus, estas ações resultam na Cruz.

Ao responder duramente sobre o Juízo Final com a mensagem do Reino e sua valorização na busca pelo Reino definitivo. Este juízo escatológico é anunciado, com a promessa de vida e esperança para todo ser humano que busca definitivamente por Deus. Jesus suscita a misericórdia com a mensagem de autoridade contra a falsa compreensão sobre a essência de Deus, esclarecendo que ao buscar o Reino em sua nítida ação de Deus, revelada por Cristo, a humanidade realiza a si mesma a busca pelo escatológico, o encontro definitivo com a misericórdia de Deus.

Jesus sabendo da rejeição da mensagem, e da eminência de sua morte violenta, segue o caminho para Jerusalém juntamente com seus discípulos. Ele está consciente da morte, onde reconhece o seu destino pela promessa dos profetas que havia precedido, e, pela sua obediência a missão. Dirige aos discípulos sobre a entrega de paixão e morte, mostrando o seu serviço a favor de toda humanidade, por isto, mostra

⁶⁷Ibid., p. 93.

também aos seus o fim que também o aguardavam, mostrando que o seguimento do Reino. Em Jesus podemos observar as palavras e ações, a sua consciência da missão profética e a restauradora da Aliança perdida:

Jesus disse que Ele, enquanto Filho do Homem, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida para resgate de muitos (cf. Mc 10,45). Jesus entende o seu caminho como uma obrigação, o que, na linguagem da *Bíblia*, quer dizer como vontade divina, que Ele obedientemente assume. Assim, depois de a sua mensagem ter sido rejeitada, mostra-Se decidido a percorrer vicariamente pelo seu povo o caminho do sofrimento como última e suprema oferenda divina de misericórdia.⁶⁸

Na existência de Jesus encontramos a sua entrega vicária. No momento da última ceia, as palavras de Jesus apresenta o testamento dessa entrega, compreensível ao seguimento, e resulta “o seu ser-para-nós-e-para-todos, a sua pró-existência”⁶⁹. E, mesmo sendo sua mensagem sendo desprezada naquele momento histórico, a mensagem vicária se perpetua de maneira a elevar o sentido em esperança da misericórdia de Deus a todos os homens em quaisquer momentos históricos. Desse fato misterioso e inquestionável, mostra o entendimento da responsabilidade e de Deus, na entrega a favor da humanidade: “Como pode alguém atuar vicariamente por nós, perguntam alguns, sem que nós o tenhamos incumbido de forma expressa de uma determinada tarefa?”⁷⁰

A interpretação do fato da Cruz nos mostra o poder de Deus que manifesta ao ser humano através da “representação” do Senhor, somos por Cristo, retirados do pecado e incorporados a termos a condição de ser Salvos. Esta condição mostra a percepção do homem em ser do Senhor da vida e da morte, na sua misericórdia, transformar a morte em vida, dando novamente uma oportunidade a todo ser humano, e, retirar todo ser vivente da profunda angustia provocada pela separação, “só Deus é capaz disso”⁷¹.

A mensagem de sua misericórdia é capaz de vislumbrar a capacidade de carregar vicariamente toda a dor de pecado da humanidade, satisfazendo os delitos e contrariedades humanas, tanto nos seus aspectos pessoais e comunitários, e até mesmo nos grandes delitos incompreendidos, Deus os satisfaz em justiça, vencendo a morte dessa vida concreta, em esperança e transformação. Kasper mostra a centralidade de

⁶⁸ Ibid., p. 94.

⁶⁹ Ibid., p. 95.

⁷⁰ Ibid., p. 95.

⁷¹ Ibid., p. 96.

Deus em sempre gerar os filhos da misericórdia, com as dores sentidas pelos seus pecados:

Mas, como é o Filho de Deus, a morte, não pode derrotá-lo; antes pelo contrário, é Ele quem vence a morte, e sua morte revela-se como a morte da morte. Com isto, Ele Se transforma para nós no lugar donde irrompe a vida. N'Ele Deus revelou-Se uma vez mais e de forma definitiva como rico em misericórdia (cf. Ef 2,4s.), com intuito de, na sua grande misericórdia, nos gerar de novo (cf. 1Pd 1,3).⁷²

O conceito de “representação” deve ser entendido como uma compreensão do mistério, Deus de compaixão, nos presenteia com a Salvação, na entrega do seu Filho, não é um Deus vingativo que necessitaria de uma vítima, mas sim um Deus que precisa destruir o pecado e salvar todo o humano. A compaixão nos leva ao encontro com Cristo atingindo as diversas experiências conduzidas pelo afastamento que geram o pecado, Deus nos une a centralidade da misericórdia e nos transforma em outros interlocutores que comunicam com a linguagem da vida eterna, suscitada nos convertidos por Ele:

(...) na medida em que é compaixão que O leva a querer a morte do seu Filho, Deus contém a sua ira e oferece espaço à misericórdia e, por fim, à vida; na medida em que é o seu Filho quem ocupa o nosso lugar, Ele mesmo carrega com o efeito destruidor do pecado, a fim de nos oferecer uma vida nova. (...) se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas (2Cor 5,17). Nós não podemos reconciliar-nos com Deus; foi Ele quem nos reconciliou Consigo (cf. 2Cor 5,18)⁷³

A reconciliação que Deus fez ao mundo coloca diz respeito a “todos”, ou os cidadãos de Israel, aos judeus, aos pagãos, “por todos os indivíduos”, ou, “o que vem a ser equivalente, “por uma multidão incontável”⁷⁴. Kasper propõe esta compreensão misericordiosa salvífica de Deus, analisa os pecados, porém, o seu julgamento é na totalidade de Salvação, apresentando a boa nova a todos, compreendendo cada iniciativa humana, não deixando a responsabilidade humana, mas a exercitando em sua busca incansável e valorizando o humano na sua dimensão total:

A partir da intenção de Jesus de entregar a vida “pela totalidade” não se pode fundamentar a teoria de uma salvação universal nem deduzir que todos os indivíduos são de fato salvos. A “representação” é exclusiva na medida em que Jesus é o único mediador da salvação; mas, por outro lado, está incluída na medida em que inclui a nós na entrega da sua própria pessoa. Não substitui a responsabilidade pessoal do ser humano, mas volta a libertá-la, restabelece-a depois de ser ter perdido em consequência do pecado, possibilita-a, interpela-a de

⁷²Ibid., p. 97.

⁷³Ibid., p. 97.

⁷⁴Ibid., p. 98.

novo. A representação liberta-nos para a vida nova e faz de nós novas criaturas. Daí que na fé possamos afirmar com certeza que Jesus entregou a sua vida por todos, e também por mim pessoalmente. Assim o entende São Paulo quando escreve que vive da fé no Filho de Deus, “que me amou e a Si mesmo Se entregou por mim” (Gl 2,20)⁷⁵

Nesta medida apaixonante com Cristo, nos aproximamos Dele e admirados pela face do Pai em Cristo, almejamos o Evangelho e sua face misericordiosa, e, inundados pelo perdão e o acúmulo de suas bênçãos, a existência da Cruz torna-nos mais pessoal a Cristo. Desta maneira, vemos na Igreja, diversos homens e mulheres em sua pequenez e entendimento espiritual, a busca da Cruz, subtraindo suas vidas, e capacitando as a Cristo, tendo como foco sua existência de santidade, assim, através da Cruz, torna uma busca pela pró-existência de Deus, e, os elevou a santidade.

Kasper valoriza o aspecto da liberdade humana como força de recuperar a alegria de esta ao lado de Deus e assim, esquecer das pequenas alegrias que distancia o homem de sua humanidade. Esta faculdade pensada e desenvolvida a partir dos textos paulinos apresenta como Paulo a interage com os seus e promove a dinâmica do amor a Deus, e, encontro de si mesmo, afastando do pecado e nos afastando do sentido último da vida. Nestes aspectos, Kasper explica a nova maneira de conduzir a vida na esperança que promove a cultura do home ao Senhor, recuperando a existência do medo pelo futuro e a demasiada busca pelo supérfluo, esquecendo do sentido perene da vida. A liberdade leva a alma ao concreto que é Deus, levando a buscar a face de Cristo, nos leva a entender as limitações humanas:

Mas como “liberdade em relação a”, é também sempre “liberdade para” e, em concreto, liberdade para Deus e para os outros. É ativa pelo amor (cf. Gl 5,6). O amor é tão livre que o é inclusive em face do próprio eu e se revela capaz de superar a si mesmo. O amor é o cumprimento de toda a lei (cf. Rm 13,10).

3.1.2.5

A misericórdia de Deus: a sua justiça, a nossa vida

Paulo mostra nos seus textos a profundidade das ações e os ensinamentos deixados por Jesus. E enfatiza o ensinamento da misericórdia, antes deixado por Jesus nas parábolas, na última ceia, na paixão e na cruz, mostrando nas cartas toda a extensão da obra salvífica de Cristo. Paulo enfatiza e desenvolve sua teologia sobre Deus no

⁷⁵ Ibid., p. 99.

legado da cruz. A construção da mensagem de justiça salvífica permeia os escritos paulinos e reporta a Deus rico em misericórdia, como também à doação filial de Cristo com sua morte na Cruz. E na Ressurreição de Cristo Paulo mostra o alcance de toda a obra de Deus, como sinal da vitória, conclusão de todo mistério salvífico acentuado na mensagem neotestamentária, resultando da ação de misericórdia do Pai em favor dos filhos. A teologia de Paulo marca a iniciativa do Pai em salvar a todos. Deus amou primeiro e liberta os pecadores. A iniciativa de Deus dá a liberdade dos filhos para que obedeam aos mandamentos e confiem Nele e em seu julgamento. A obra salvífica torna os seres humanos justificados por Deus, na obra de Cristo na Terra.

A Ressurreição e a cruz de Cristo não teriam sentido de ser, se não fosse o mistério salvífico. É a mensagem nos evangelhos. Este mistério é apresentado também por Paulo nos seus escritos, mostrando na radicalidade assumida pela vida em obediência de Cristo, como dimensão de se fazer pecado pela humanidade, a fim de Salvar a todos. Nesta profundidade do autoesvaziamento de Cristo, Paulo aprofunda o conceito da radicalidade assumida por Cristo. Aí está o conceito da “representação” (Ele morreu por nós). Essa profissão de fé está presente nas diversas comunidades:

Nas suas cartas repete-se a fórmula: Jesus morreu por nós (cf. Rm 8,3; 2Cor 5,21; Gl 3,13). Com isto quer São Paulo dizer que Jesus carregou a exigência e a maldição do pecado e da lei segundo a qual o pecador merece a morte. Mais: São Paulo formula esta ideia com extrema radicalidade e afirma que Jesus foi feito pecado por nós (cf. 2Cor 5,21). Ele, que era inocente, consumou voluntariamente no nosso lugar e para o nosso bem a exigência da justiça (cf. Rm 8,3; Gl 3,13).⁷⁶

Paulo associa a justiça de Deus e a Salvação dos homens em remissão de suas culpas; a justificação, em vista dos valores das virtudes dadas por Deus pela Graça do perdão. Nesta visão teológica e inovadora em compreender a obediência de Cristo a Deus Pai, Paulo mostra o agir de Deus em consequência de um valor, a justiça de Deus, tendo Paulo como esperança a restauração da vida sobre a morte. Assim, a morte de Cristo não foi em vão, mas assume o legado de justiça em esperança, e da misericórdia de Deus. Isso é revelado na mensagem cristã e é buscado a cada momento que nos associamos a Jesus, o qual nos liberta e nos leva a vivermos na sua justiça e misericórdia no mundo:

(...) revelada de uma vez por todas na cruz, faz-nos reviver e revitalizar-nos imerecidamente, a nós, que merecíamos o juízo e a morte. Essa misericórdia suscita em nós esperança contra toda a esperança (cf. Rm 4,18). Abre lugar à vida e

⁷⁶ Ibid., p. 101.

à liberdade do ser humano. Não reprime nem suprime a liberdade humana. Antes pelo contrário, só a nova justiça volta a dar consistência à nossa liberdade, a fim de que sejamos em obras de justiça e no compromisso a favor da justiça do mundo (cf. 2Cor 9,10; Col 1,10). Assim, a mensagem da nova justiça conferida em virtude da fé fundamenta a liberdade cristã (cf. Gl 5, 1. 13).⁷⁷

Paulo descreve a justiça como misericórdia, onde se dá a liberdade humana, o encontro com o ser justo de Deus e suas responsabilidades. Mostra a característica fundamental, o uso da liberdade, em vista das riquezas do céu, não se tornando o ser humano limitado pelo medo, o apego pela vida e seus valores terrenos, pois a liberdade e o amor encontram a razão de ser, onde retiram os medos e as crises do mundo, revelando Jesus Cristo que se reconcilia conosco em vista da nossa conversão. Esta liberdade que buscamos revela sentidos concretos das obras do amor por Deus, sendo uma prática de amor, onde os valores do mundo serão sempre superados na livre escolha pelo bem, o que nos permite entender toda a essência do humano e viver conforme a busca de Cristo. Cristo nos liberta para viver no amor:

São Paulo explica em detalhe o que significa a nova liberdade dos cristãos. Ela não deve ser confundida com arbitrariedade, que quer dizer que tudo me é permitido (cf. 1Cor 6,12; 10,23). A liberdade cristã liberta-nos da pressão da lei, através de cujo cumprimento cremos poder justificar a nós mesmos, embora nunca possamos estar por inteiro à sua altura e, deste modo, exigimos demasiado de nós próprios. Também nos liberta do peso do pecado, que arrastamos conosco e do qual somos incapazes de nos desfazer pelas nossas próprias forças. Liberta-nos da angustiante e nunca lograda autojustificação por meio do êxito, do dinheiro, do poder, do prestígio, do prazer ou da atração sexual. A liberdade liberta-nos da escravidão em relação a estes tirânicos bens terrenos. E do medo da ausência de sentido da existência, assim como do medo da morte. Mas como “liberdade em relação a”, é também sempre “liberdade para” e, em concreto, liberdade para Deus e para os outros. É ativa pelo amor (cf. Gl 5,6). O amor é tão livre que o é inclusive face do próprio eu e se revela capaz de superar a si mesmo. O amor é o cumprimento de toda a lei (cf. Rm 13,10).⁷⁸

Na teologia paulina encontramos a compreensão da justiça em relação à imagem da troca: “Conheceis bem a bondade de Nosso Senhor Jesus Cristo que, sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza” (2Cor 8,9). Kasper deixa claro em seu pensamento a forma de atuar de Deus, nas obras paulinas, mostrando na revelação de Deus a doação pelo humano, onde está sempre presente a busca pela sua dignidade perdida, mas reencontrada na doação filial de Cristo.

⁷⁷ Ibid., p. 102.

⁷⁸ Ibid., p. 103.

A Carta aos Filipenses, no hino cristológico, escreve-nos toda a obra da teologia da cruz. Nela encontramos “a ideia do autoesvaziamento de Deus”;⁷⁹ outra ideia marcada na obra paulina é que Cristo voluntariamente se doa para que o mundo possa entender a dor e sofrimento na promessa e cumprindo da Graça. Cristo reconhece na liberdade de doação a manifestação de Deus em toda a plenitude, entendida no cumprimento da morte terrena:

(...) Mas Deus não O abandonou à morte, antes O exaltou e investiu como novo Senhor do mundo (*kýrios*). Com isto, o seu serviço como escravo no nosso lugar transformou-se na nova lei universal. Consumou-se uma troca de poderes, surgiu no mundo uma nova situação.⁸⁰

Nesse autoesvaziamento, a narrativa dos textos Paulinos mostra a condição extensora da obra criadora dos textos do Antigo Testamento em vista do Novo Testamento, onde a morte da Cruz mostra o triunfo de Cristo e a sua obra salvífica, sendo o cumprimento de toda a promessa. A misericórdia de Deus se dá no entendimento do triunfo da Cruz. Deus despoja a si, mostra sua humanidade, se doa na dor pelo humano, e reconcilia a humanidade com a sua eterna bondade, onde renascemos para uma esperança nova.

Esse autoesvaziamento tem as consequências do amor de doação eterna e compassiva. Deus aniquila-se a si para transformar pecado em perdão, valorizando todos os seres por amor eterno. A misericórdia então é máxima do Evangelho, mostrando toda a sua promessa do Antigo e seu cumprimento no Novo Testamento, através da morte obediente da Cruz por Cristo:

Quando se pensa no autoesvaziamento daquele que tinha a condição divina, pensa-se numa ideia que já encontramos no Antigo Testamento: Deus fecha-Se, por assim dizer, para dar lugar à misericórdia e, por fim, à vida. Esta ideia é radicalizada no Novo Testamento: Deus penetra inclusivamente no contrário de Si mesmo, põe a morte sobre Si e submete-Se às forças da morte. O próprio Deus morre. Mas a morte não pode deter Deus, que é imortal. Na cruz, a própria morte acaba, por assim dizer, em nada. Daí que a morte de Jesus na cruz seja a morte da morte e o triunfo da vida. Assim, São Paulo pode escrever um tom trocista: “A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1Cor 15,54s.).⁸¹

Em nosso contexto atual, devido às diversas crises que assolam o mundo, somos sugestionados a esquecer a dor ou sofrimento, e abraçar os prazeres com antídotos para superar os obstáculos. Por isso, parece hoje insuportável a contemplação

⁷⁹ Ibid., p. 104.

⁸⁰ Ibid., p. 105.

⁸¹ Ibid., p. 105.

da Cruz e do Crucificado. E questionamos: “Não estaremos a afastar e a reprimir o sofrimento?”⁸² E respondemos a partir da fé em Cristo e no amor que Ele nos presenteou a todo gênero humano: “O amor, que se demonstra na misericórdia, pode e deve transformar-se em fundamento de uma nova cultura de vida, e da Igreja e da sociedade.”⁸³ Desse modo, a mensagem da cruz é a mensagem do amor de Deus e da vitória da vida sobre o sofrimento e a morte. É uma mensagem de amor e misericórdia para o mundo e para o cristão transformar o mundo.

3.4

Luzes das catequeses do Jubileu sobre o ensinamento bíblico da misericórdia

No Ano Jubilar da Misericórdia a Igreja volta o seu olhar para a misericórdia e sua radical busca por Cristo no seu gesto de compaixão e aproximação pelo perdão e amor. Papa Francisco ofereceu diversos modelos catequéticos que ajudam os fiéis e toda a sociedade a contemplar o desejo de justiça de Deus ao encontro da maior a força da Misericórdia. Neste objetivo, em suas primeiras catequeses, valoriza o conhecimento bíblico como maneira de aprender a misericórdia, ouvindo o próprio Deus que usa fala por meio da Palavra para suscitar a busca por Ele, e, o conduz até sua fase mais reveladora, a luz que é Cristo.

Nesta pesquisa o anúncio Papal, nas mais diversas audiências mostra o encontro da Palavra de Deus como meio de explicar a misericórdia. Desta maneira, procuraremos abordar o tema da misericórdia das catequeses Papais de duas formas, em primeiro momento os textos do Antigo Testamento mencionados nas catequeses e em segundo os textos do Novo Testamento. Onde serão analisados os textos mais destacados e o pensamento do pontífice para compreensão da Misericórdia, com os apontamentos que busca chamar a atenção do fiel para o clamor de Deus.

3.4.1

Destaques bíblicos e ênfases sobre a misericórdia nas audiências do Jubileu

⁸² Ibid., p. 106.

⁸³ Ibid., loc. cit.

Nas audiências do Papa Francisco no Ano Jubilar da misericórdia os textos expressam nas narrativas bíblicas do Antigo e Novo Testamento, e, comentários que ajudam a compreensão do tema da misericórdia, com reflexões dos comentários dos textos bíblicos e de exortações pastorais, feitas pelo próprio pontífice. Os textos comentados nas audiências do Jubileu correspondem principalmente aos textos litúrgicos do Ano C; e, por outros momentos, a iniciativas do próprio Papa de identificar nos temas bíblicos outros aspectos que também contribuem para o seu ensinamento pastoral.

3.4.1.1

Levantamento de referências bíblicas

Apresentamos um levantamento dos textos bíblicos destacados pelo Papa Francisco na Bula *Misericordiae Vultus*, nas catequeses das audiências de quarta-feira do ano jubilar e na Carta *Misericordia et Misera*:

a) Na Bula *Misericordiae Vultus*

Ef 2, 4; Ex 34,6; Gl 4,4; Jo 14,9; Ef 1,4; Sl 102(103), 3-4; 145(146), 7-9; Sl 146 (147), 3,6; Sl 136; Sl 26, 30; 1Jo 4, 8.16; Mt 9,36; Mt 14, 14; Mt 15,37; Lc 7,15; Mc 5,19; Lc 15, 1-32; Mt 18,22; Mt 18,33; Mt 18,35; Ef 4,26; Mt 5,7; Gn 1,28; Lc 6,36; Lc 6,27; Lc 6,36-37; Sl 69(70),2; Mt 25, 31-45; Is 61,1-2; Rm 8, 35.38-39. 12,8; Mq 7, 18-19; Is 58,6-11; Rm 11,32; Hb 2,17; Hb 4,16; Mt 9,13; Os 6,6; Fl 3,6; Gl 2,16; Sl 50(51), 11-16; Is 40, 1; Os 11,5; Os 11, 8-9; Rm 10, 3-4; Mt 5, 48; Ap 7,4; Lc 1,50; Sl 24(25),6.

b) Nas Audiências de quartas-feiras, destacamos os textos usados pelo Pontífice ao apresentar a misericórdia de Deus:

- Audiência do Dia 09/12/2015:

Mt 5, 14; 1 Cor 1, 25

- Audiência do Dia 16/12/2015:

Jo 10, 9; Jo 12, 47

- Audiência do Dia 30/12/2015:

Lc 2, 21-28; Mt 2, 1-23

- Audiência do Dia 13/01/2016.

Ex 34,6; Gn 4, 2; Gl 2, 13; Sl 86, 15; 103, 8; 145, 8; Ne 9, 17;

Lc 15, 11-32; Mt 13, 24-30; Sl 121, 3-4.7-8.

- Audiência do Dia 20/01/2016:

1Pd 1,13-20

Obs: Nesta catequese, dada na Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, o Papa comenta (sem explicitar a referência bíblica) o texto 1Pd 1,13-20, sobre o batismo. Ele relaciona a misericórdia de Deus com o batismo como fonte da misericórdia.

- Audiência do Dia 27/01/2016:

Gn37-50; Ex 2, 23-25; Ex 19, 5-6; 1 Jo 3, 1

- Audiência do Dia 30/01/2016:

Jo 1, 40-42; Jo 1, 45-46

- Audiência do Dia 03/02/2016:

Pr 11,19; Ez 18, 23; e 33, 11; Lc 18, 3

- Audiência do Dia 10/02/2016:

Gn 1, 28-29; Dt 14, 22-29; Dt 15, 10; Dt 18, 4-5; 26, 1-11; Lv 25, 9;
Lv 25, 23; Lv 25, 10.13 e 25, 35-37; Hb 11, 13-16; 1 Pd 2, 11

- Audiência do Dia 24/02/2016:

Lv 25, 23; 1 Rs 18, 4. 7; 1Rs 21; Is 5, 8; Mt 20, 25-27

- Audiência do Dia 02/03/2016:

Is 1, 2-4; Is 1, 11-19; Sl 103, 10

- Audiência do Dia 12/03/2016:

Jo 13, 12.14; Jo 13, 34; 31, 131Jo 3, 16.18; Mt 6, 3; 1 Cor 12, 4-11

- Audiência do Dia 16/03/2016:

Jr 30; 31, 3-4; 31, 12

- Audiência do Dia 23/03/2016:

Jo 3, 1

- Audiência do Dia 30/03/2016:

Sl 50, 3-4 12. 15; 1 Jo 3, 20

- Audiência do Dia 06/04/2016:

Mt 3, 13-17; Mc 1, 9-11; Lc 3, 21-22; Jo 1, 29-34; Lc 4, 18-19; Mt 3, 14;
Mc 1, 11; Lc 23, 34

- Audiência do Dia 09/04/2016:

Dt 15, 10; Tb 4, 7-8; Mt 6, 3; At 20, 35; 2 Cor 9, 7

- Audiência do Dia 13/04/2016:

Os 6,6; Mt 25, 6-9; Mt 9, 13

- Audiência do Dia 20/04/2016:

Lc 7, 36-50; Ef 1, 7-8

- Audiência do Dia 27/04/2016:

Lc 10, 25-37

- Audiência do Dia 30/04/2016:

Lc 15, 4-6; Jo 10, 15; 2 Cor 5, 18. 20; Rm 5, 20

- Audiência do Dia 04/05/2016:

Jo 10, 1-10

- Audiência do Dia 11/05/2016:

Lc 15, 11-32

- Audiência do Dia 14/05/2016:

Mc 10, 47-48; Mt 15, 22; 17, 15; Mc 5, 32; Jo 6, 48-55; 1 Tm 6, 3-8

- Audiência do Dia 18/05/2016:

Mt 25, 40. 42-43; Lc 16, 19-31; Lc 1, 52-53

- Audiência do Dia 25/05/2016:

Ex 18, 21; Lc 18, 1-8; Mt 26, 39;

- Audiência do Dia 01/06/2016:

Lc 18, 9-14; Lc 1, 48.50

- Audiência do Dia 08/06/2016

Jo 2, 1-11; Ex 19, 8; Am 9, 13-14; Gl 2, 24; Is 25, 6; Jo 1, 17

- Audiência do Dia 15/06/2016

Ex. 12, 23; Dt 15, 7.11; Is 35, 5; Lc 18, 35-43;

- Audiência do Dia 18/06/2016

Lc 24, 45-48; Mc 1, 15; Mc 12, 1-11; Mt 9, 9-13; Lc19, 1-10

- Audiência do Dia 22/06/2016

Lv 13, 45-46; Mc 1, 41; Lc 5, 12

- Audiência do Dia 30/06/2016

Mt 25, 35-36; Tg 2, 14-17

- Audiência do Dia 03/08/2016 Nesta audiência geral Papa Francisco faz uma breve reflexão sobre sua viagem à Polônia, não mencionando nenhuma passagem bíblica.

- Audiência do Dia 10/08/2016

Lc 7, 11-17;

- Audiência do Dia 17/08/2016

Mt 3, 11; Mt 14, 13-21

- Dia 24/08/2016 Nesta audiência geral Papa Francisco faz um pedido de oração ao povo de Accumoli, Amatrice e outras localidades, na Diocese de Rieti e de Ascoli Piceno e em todo o Lácio, na Umbra e nas Marcas, na Itália atingida pelo terremoto.

- Audiência do Dia 31/08/2016

Lv 15, 19-30; Mt 9, 20-22

- Audiência do Dia 07/09/2016

Sl 130, 3-4; Mt 3, 10; Mt 11, 2-6

- Audiência do Dia 10/09/2016

Sl 130 [129], 71 Pd 1, 18-21

- Audiência do Dia 14/09/2016

Is 50, 4; Mt 11, 5; Mt 11, 28-30; Mt 28, 19; Fl 2, 8

- Audiência do Dia 21/09/2016

Mt 5, 48; Lc 6, 36-38; 1 Cor 13, 1-12

- Audiência do Dia 28/09/2016

Lc 23, 34. 39; Mt 22, 9; Lc 23, 40-43; Lc 4, 18; Lc 19, 10

- Audiência do Dia 05/10/2016 Nessa audiência geral o Papa Francisco faz uma breve reflexão sobre sua viagem apostólica à Geórgia e ao Azerbaijão, não apresentando ao conteúdo catequético nenhum texto bíblico.

- Audiência do Dia 12/10/2016

Mt 25, 31-46; Lc 6, 36

- Audiência do Dia 19/10/2016

Sl 136, 25; Tg 2, 14-17; Mc 14. 16; Jo 6, 5. 35; Jo 7, 37

- Audiência do Dia 22/10/2016

Jo 4, 6-15

- Audiência do Dia 26/10/2016

Gn 12, 1; Mt 25, 35-36; Mt 2, 14-15

- Audiência do Dia 09/11/2016

At 12, 5; Fl 1, 12-17; 2 Tm 4, 9-15

- Audiência do Dia 12/11/2016

Mt 11, 28

- Audiência do Dia 16/11/2016

Ex 16, 13-16; Mt 20, 21; Lc 6, 41

- Audiência do Dia 23/11/2016 Nessa audiência geral o Papa Francisco menciona a recordação do Ano da Misericórdia em que terminou no último dia 20 de Novembro, mostrando a importância de por-se a serviço do outro. E menciona alguns textos bíblicos, tais como: Lc 10, 21; Mt 11, 25-26; 1 Jo 4, 10

c) Na Carta Apostólica *Misericordia et Misera*

Ex 34,6; Mq 7,19; Is 38,17; Sl 103 (102) 12; Sl 136(135) Sl. 85,2-3; Mt 6,12; Jo 8, 1-11; Ef 5,2; Jo 20, 22-23; Lc 7, 36-50; Lc 23,34; Fl 4,4; 1Ts 5,16; 1Tm 1,16; 1Tm 1, 12-13; 1Tm 1,5; 2Tm 3,16; Rm 7, 14-21; 1Cor 13,7; 1Pd 4,8; 2Cor 5,17. 18. 20; Gl 3,24

3.4.1.2

Ênfases do Papa Francisco sobre esses textos nas suas catequeses

Nas audiências, Papa Francisco afirma que Deus é misericordioso e sua ação é justa, em favor dos que necessitam de seu amor. Francisco expressa o sentido da misericórdia observando nos relatos bíblicos um conjunto de ensinamentos que progressivamente vão mostrando a misericórdia de Deus. Recordamos que a Bula *Misericordiae Vultus* tinha tomado como base a revelação da misericórdia a Moisés. Também a audiência geral do dia 13/01/2016 já toma esse tema entre as bases das catequeses. O papa mostra o encontro de Moisés com a face de Deus e esclarece a sua doação de bondade e fidelidade à humanidade. Ao analisar o livro do Êxodo, vemos que Deus, revelando-se a Moisés, diz que Ele é “Deus compassivo e misericordioso” (cf. Ex 34, 6). O vocábulo “misericordioso” emite a ideia do texto, onde Deus como se comovendo dos seus, os que viviam na escravidão, busca protegê-los, e iluminar a seu

povo, com o carinho maternal, estando disponível para cuidar com amor e carinho, na paciência de esperar que se voltem para a sua face. Essa atitude de Deus é lembrada na audiência Papal, ao expressar:

O Senhor é “*misericioso*”: este vocábulo evoca uma atitude de ternura, como a de uma mãe pelo seu filho. Com efeito, o termo hebraico usado pela Bíblia leva a pensar nas vísceras, ou então no ventre materno. Por isso, a imagem que sugere é a de um Deus que *se comove e sente ternura por nós*, como uma mãe quando pega o seu filho ao colo, unicamente desejosa de amar, proteger e ajudar, pronta a doar tudo, até a si mesma. Esta é a imagem que este termo sugere. Portanto, um amor que se pode definir, no bom sentido, “visceral”.⁸⁴

Destacaremos a seguir principalmente quatorze ênfases entre as muitas observações feitas pelo Papa Francisco ao longo do ano do Jubileu. Dessas doze ênfases que selecionamos, apresentaremos seis delas feitas sobre o Antigo Testamento e seis sobre o Novo Testamento.

a) Sobre o Antigo Testamento

Na Sagrada Escritura, Deus sempre manteve presente e encaminhou os Patriarcas ao uso de sua misericórdia e reconciliação, provocando em suas vidas uma mudança de comportamento. Papa Francisco retoma os textos tendo em vista a sua atualidade, visto que muitas famílias não têm um bom relacionamento. E, recorrendo ao caso de José do Egito e seus irmãos (cf. Gn 37-50), o papa Promove na Igreja o olhar para um objetivo importante de vida na misericórdia e para a prática do abraço e esquecimento de situações desagradáveis. Por outro lado, deixa a busca atenta dos textos verotestamentários como forte convite para a vida da sociedade hodierna que foge de Deus e da misericórdia.

A história de Israel descreve a dor humana, mas, na lógica de Deus. Ele não está indiferente ao que sofre. Este Deus ouve e intervém na dor para salvar, suscitando nos textos sagrados vários exemplos de homens e mulheres que, respondendo ao convite vocacional de Deus, em favor do povo, atuam para a libertação de seus pecados e de seus sofrimentos, e para viver na paz do Senhor. É uma libertação espiritual e material. É individual e social. É concreta.

⁸⁴FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 13 de Janeiro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2016/documents/papa-francesco_20160113_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.>

Moisés, como mediador disponível à ação de Deus, promove no povo o acesso à misericórdia de Deus, mostrando a disposição de Deus em salvar, educando na fé e no amor, como meio de acolher a Salvação. A indiferença do povo em acolher o convite mostra a docilidade de Moisés em continuar a sua fidelidade ao projeto de Deus, criando um vínculo tão forte entre a sua vocação de vida e sua família que o faz perseverar até o fim com o cumprimento da aliança. Moisés foi um mediador da aliança e da misericórdia.

Papa Francisco exorta o povo de Deus a continuar na esperança da Misericórdia de Deus: “(...) podemos cumprir esta tarefa de ser mediadores de misericórdia com obras de misericórdia, para aproximar, para dar alívio, para promover a unidade. É possível realizar muitas obras boas!”⁸⁵

Ao associar ao Antigo Testamento a misericórdia, Papa Francisco analisa que sobre o cuidado dos homens está o coração misericordioso de Deus, o qual deseja que os seus filhos vivam bem e na justiça, no perdão e na ajuda de uns aos outros. A misericórdia atravessa as gerações e os momentos mais difíceis na história de Israel. Um ponto destacado pelo Papa é o jubileu mencionado no livro de Levítico. Ele invocava a libertação na terra e a todos seus habitantes, a cada 50 anos. Papa Francisco alude ao texto de Levítico 25, indicando os objetivos do ano do jubileu como ano da misericórdia, onde fica clara a prática da misericórdia. O Papa busca que todo o cristão que deseja buscar Deus viva o jubileu e não apenas naquele mencionado ano, mas em todos os tempos na Igreja:

Com o jubileu, quem se tinha tornado pobre, voltava a dispor do necessário para viver, e quantos se tinham tornado ricos restituíam ao pobre aquilo de que se tinham apoderado. A finalidade era uma sociedade fundamentada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro voltassem a tornar-se um bem para todos e não apenas para alguns, como hoje acontece, se não me engano... Mais ou menos, os números não são exatos, mas oitenta por cento das riquezas da humanidade estão nas mãos de menos de vinte por cento da população. É um jubileu — e digo-o, recordando a nossa história de salvação — para a conversão, para que o nosso coração se torne maior, mais generoso e mais filho de Deus, com mais amor. Digo-vos algo: se este desejo, se o jubileu não chegar aos bolsos, não será um verdadeiro jubileu. Entendestes? E isto está na Bíblia! Não é este Papa que o inventa: está na Bíblia. A finalidade — como eu disse — era uma sociedade baseada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro se tornassem um bem para todos, e não só para alguns. Com efeito, o jubileu tinha a

⁸⁵FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**, 27 de Janeiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160127_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

função de ajudar o povo a viver uma fraternidade concreta, feita de ajuda recíproca. Podemos dizer que o jubileu bíblico era um «jubileu de misericórdia», porque era vivido na busca sincera do bem do irmão necessitado.⁸⁶

A libertação de Israel acontece nesta dinâmica do encontro com Deus e a libertação dos seus maiores desafios em alcançar a Graça. O dia da expiação é o dia em que acontecia o processo libertador. A cada 50 anos (cf. Lv 25, 10.13), todos voltavam à sua situação inicial, com o amor e alegria. Papa Francisco numa audiência traça o valor do Ano da Misericórdia, como o desejo de transformar os cristãos segundo o desejo de Deus, com a bondade infinita, e recuperar diversas dimensões da própria vocação da Igreja. Esta motivação inicial recorda esta verdade dos textos e toda vocação de Israel em identificar o desejo de Deus de libertar os pecadores, restaurando a justiça, o governo, a administração, a vida em misericórdia.

Na Sagrada Escritura a misericórdia é apresentada como justiça perfeita juntamente com a misericórdia infinita, afirma Papa Francisco em uma das suas audiências. A característica máxima dessa justiça é percebida no uso da dimensão do perdão, libertando do mal e levando a cura para viver a plenitude de Deus e a garantia da felicidade.

Este é o coração de Deus, um coração de Pai que ama e deseja que os seus filhos vivam no bem e na justiça e portanto vivam em plenitude e sejam felizes. Um coração de Pai que vai além do nosso pequeno conceito de justiça para nos abrir aos horizontes infinitos da misericórdia. Um coração de Pai que não nos trata segundo os nossos pecados e não nos repreende, nem conserva a sua ira, como diz o Salmo (cf. 103, 9-10).⁸⁷

Papa Francisco lembra as dificuldades na busca da libertação. O processo dessa motivação por Deus não deve constatar de um movimento exterior, motivados por coisas periféricas tais como: terra, água, dinheiro, bens ou riquezas. Porém, devem vir do interior do coração humano, onde na liberdade dos pecados a liberdade chega ao sentimentos mais nobres, conhecendo o próprio coração; surgindo o amor recíproco de Deus para o homem. O Cristão ao sentir este amor, busca no abandono das coisas terrenas, como o lucro, os empréstimos mesquinhos, e os juros; procurando na liberdade viver dos valores do amor ao outro (cf. Lv 25, 35-37). Neste ensinamento válido e

⁸⁶FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**, 10 de Fevereiro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160210_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁸⁷FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 03 de Fevereiro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160203_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

preciso em nosso tempo, Papa Francisco expõe que a misericórdia alcança o coração dos livres dos projetos de lucro e riqueza, sendo no coração desprovido de sentimentos nas coisas que não favorecem ao amor de Deus.

Em uma sociedade que dispõe do necessário, os cristãos enxergarão a dificuldade das pessoas e viverão a proposta do jubileu, segundo o Papa. Isto tudo é indicado com a Sagrada Escritura, e o papa mostra não ser apenas uma admoestação individual ou inventada. Precisamos, portanto, colaborar com a obra Salvífica de Deus doando se ao favor dos pobres e necessitados, e confiando no homem, Deus deseja que o perdão aconteça e a misericórdia sendo o desejo último, favoreça a todos a libertação.

Com o jubileu, quem se tinha tornado pobre, voltava a dispor do necessário para viver, e quantos se tinham tornado ricos restituíam ao pobre aquilo de que se tinham apoderado. A finalidade era uma sociedade fundamentada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro voltassem a tornar-se um bem para todos e não apenas para alguns, como hoje acontece, se não me engano... Mais ou menos, os números não são exatos, mas oitenta por cento das riquezas da humanidade estão nas mãos de menos de vinte por cento da população. É um jubileu — e digo-o, recordando a nossa história de salvação — para a conversão, para que o nosso coração se torne maior, mais generoso e mais filho de Deus, com mais amor. Digo-vos algo: se este desejo, se o jubileu não chegar aos bolsos, não será um verdadeiro jubileu. Entendestes? E isto está na Bíblia! Não é este Papa que o inventa: está na Bíblia. A finalidade — como eu disse — era uma sociedade baseada na igualdade e na solidariedade, onde a liberdade, a terra e o dinheiro se tornassem um bem para todos, e não só para alguns. Com efeito, o jubileu tinha a função de ajudar o povo a viver uma fraternidade concreta, feita de ajuda recíproca. Podemos dizer que o jubileu bíblico era um “jubileu de misericórdia”, porque era vivido na busca sincera do bem do irmão necessitado.⁸⁸

A Palavra de Deus ajuda o cristão a reconhecer a culpa e na presença do mal, afasta-se e corrigindo seu modo de vida, reencontrar a paz pelo perdão na misericórdia infinita que procede de Deus. Papa Francisco explicita o processo de um encontro com Deus, usando diversos exemplos contidos na Sagrada Escritura, observando nos profetas, particularmente em Ezequiel, onde mostra o modo de agradar a Deus e receber a ação do Espírito Santo. A misericórdia é uma graça de Deus que reflete no coração e leva à compreensão da Salvação. O Papa aponta para o horizonte do Salmo 103:

⁸⁸FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 10 de Fevereiro de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160210_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Papa Francisco ao iniciar a sua audiência dos aspectos bíblicos “a misericórdia na Sagrada Escritura” escreve no seu texto luzes do 1Rs 21, no episódio da vinha de Nabot. A riqueza e o poder podem ser úteis ao bem comum, se forem posta ao serviço da justiça de Deus e comum aos mais pobres e necessitados. Ao descrever a narrativa, Papa Francisco apresenta a injustiça cometida pelo rei Acab a Nabot, tudo pela apropriação da terra e o uso indevido da autoridade, pois, sem escrúpulo, a rainha Jezabel, servindo de aparências enganadoras, em nome do rei decide a eliminação de Nabot, e se apropria de sua vinha. O rei Acab, arrependido do fato, pede perdão e conversão. Papa Francisco, ao apresentar essa cena para arrependimento e testemunhar a forte inclusão de Acab na misericórdia de Deus, mostra as luzes pastorais do tema para o exercício do cristão, mostrando também que a misericórdia pode mudar as ações da história, como o exemplo de Acab.

O pai afetuoso que é atento e cuida dos seus filhos, sempre percebendo sua vida e os erros cometidos, porém, busca transformar e o elevar a busca do bem e ao crescimento dos seus filhos. Em Isaías no seu primeiro capítulo, a Sagrada Escritura menciona a família e o exemplo de seus membros, como é o caso do pai, em resgatar continuamente seus filhos e desiludido com sua prole, percebe a rebeldia e o distanciamento. Esse episódio tem forte compreensão do pai, o próprio Deus, procura resgatar os filhos dispersos, com o amor do pai, mostra confiança e esperança, mostra como relacionara ao pecado a superação pelo dom do perdão. O afeto do pai provoca conversão, e a misericórdia de Deus é o caminho pela justiça, onde existem novos acontecimentos na vida do filho, dando-se a aproximação de Deus.

Papa Francisco, ao analisar essa parte do texto profético de Isaías, mostra a realidade de muitos filhos na Igreja perto do pai. Eles cometem diversas rebeldias, em nome do seu próprio desejo, afastando-se de Deus, e acontecendo as consequências do pecado. Desta forma, o papa descreve a importância da cura para o prosseguimento da missão e mostra o perdão como garantia único caminho para a justificação em Deus e o entendimento do amor caridoso do Senhor. Desta maneira, o Pai acolhe sempre seus filhos e deseja que o ritual vivido na Igreja ultrapasse o sentido meramente efeito do tempo em que está no templo, mas como aproximação existencial em Deus, em todas as dimensões da vida pessoal e comunitária.

É este o caminho da misericórdia divina: Deus não nos trata segundo as nossas culpas (cf. Sl 103, 10). A punição torna-se o instrumento para provocar e refletir. Compreende-se assim que Deus perdoa o seu povo, concede a graça e não destrói tudo, mas deixa sempre aberta a porta à esperança. A salvação implica a decisão de ouvir e deixar-se converter, mas permanece sempre dom gratuito. Por conseguinte, o Senhor na sua misericórdia, indica um caminho que não é o dos sacrifícios rituais, mas antes o da justiça. O culto é criticado não por ser inútil em si mesmo, mas porque, em vez de expressar a conversão, pretende substituí-la; e torna-se assim busca da própria justiça, criando a enganadora convicção que aquilo que salva são os sacrifícios e não a misericórdia divina que perdoa o pecado.⁸⁹

No profetismo em Israel, observamos o profeta Jeremias, no assim chamado “livro da consolação”, nos capítulos 30 e 31, narra a difícil trajetória humana em abrir diante dos conflitos existenciais o coração, vencer o remorso e libertar do passado, recebendo de Deus a consolação. As experiências desafiantes do exílio sufocam em muitos momentos o alívio e a consolação, em muitos casos já diante deles sem ter como perceber. Jeremias responde diante da mensagem de Deus, o anúncio da misericórdia, pois, como o eterno amor não deixara os sofrimentos sem o encher o coração do homem de consolação. O sonho e a expectativa de voltar a pátria fazem do anúncio de Deus um discurso não apenas de palavras vinda do profeta, mas sim sentir a presença Dele no coração e alegria, no retorno a Pátria.

Papa Francisco, mostra nesta catequese, ao recordar a grande dificuldade do povo em conhecer a misericórdia de Deus, diante de dificuldades cotidianas que acontecem ao longo da história, permitindo em muitos momentos a desolação existencial, sem ter algo que propicie na vida uma alegria eterna. Este momento encontrou em muitas esferas da sociedade o fechamento, uma espécie de exílio, fechando os corações da alma e as portas das diversas construções que temos. Papa Francisco ao retomar este ensinamento bíblico do profeta Jeremias transmite uma esperança de libertação que acontece no coração que reconhece a misericórdia, transformando a alma em segura espera pelo dia do Senhor, transformado em libertação que converte e que reconcilia.

Por vezes, também nós podemos viver uma espécie de exílio, quando a solidão, o sofrimento e a morte nos fazem pensar que fomos abandonados por Deus. Quantas vezes ouvimos estas palavras: “Deus esqueceu-se de mim”: são pessoas que sofrem e se sentem abandonadas. E quantos irmãos nossos, por sua vez, estão a viver neste tempo uma real e dramática situação de exílio, distantes da sua pátria, tendo ainda nos olhos os destroços das suas casas, no coração o medo e muitas vezes,

⁸⁹ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 02 de Março de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160302_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

infelizmente, a dor pela perda de entes queridos! Nestes casos, podemos questionar-nos: onde está Deus? Como é possível que tanto sofrimento possa abater-se sobre homens, mulheres e crianças inocentes? E quando procuram entrar nalguma parte são-lhes fechadas as portas. E estão ali, na fronteira porque estão fechadas muitas portas e muitos corações. Os migrantes de hoje que sofrem o frio, sem alimentos e não podem entrar, não sentem o acolhimento. Fico muito feliz quando ouço ou vejo que há nações, governantes, que lhes abrem o coração e as portas!⁹⁰

Papa Francisco ao longo de suas catequeses enfatiza no Antigo Testamento textos que enfatizam a trajetória do povo de Deus em conhecer e participar da misericórdia. E na sua última audiência sobre o Antigo Testamento medita um dos textos litúrgicos mais usados e paradoxo do sentido humano, o Salmo 51, chamado Miserere. Ao fazer uma breve explicitação sobre o contexto do salmista e do seu pecado, Papa Francisco fala do acesso o homem ao perdão como o enfraquecimento pelo pecado trazido e a força do salutar ensinamento de Deus deixado pelo salmista, faz apresentar a Igreja a confissão dos pecados, o reconhecimento da culpa, a celebração da justiça de Deus e a santidade que permeia aqueles que a buscam. É precisamente o sinal da reconciliação faz com que os pecadores possam levantar se e caminhar na dignidade.

O Salmo 51 descreve a trajetória de Davi e seu pecado com Betsabé, a esposa de Urias, o Hitita. E através de Natan ajuda Davi a reconhecer seu pecado, e, confessa seu pecado, faz se humilde, mesmo diante de apesar de sua grandeza como Rei, e reza, a oração do Salmo como confiança em Deus e apresentando suas próprias misérias, convicto que tudo era obra da misericórdia. Portanto, Papa Francisco celebra na catequese, ao referi-se a esse texto, o desejo de reconhecer os pecados no desejo de superação e reconciliação. E chama a todos em experimentar a graça do perdão, pois, Deus sendo maior que nossos pecados, liberta e não abandona.

Neste sentido, quem reza com este Salmo procura o perdão, confessa a própria culpa, mas reconhecendo-a celebra a justiça e a santidade de Deus. E depois pede ainda graça e misericórdia. O salmista confia na bondade de Deus, sabe que o perdão divino é sumamente eficaz, porque cria aquilo que diz. Não esconde o pecado, mas detrói-o e cancela-o; mas cancela-o precisamente pela raiz, não como fazem na lavanderia quando levamos uma veste e tiram uma nódoa. Não! Deus cancela o nosso pecado precisamente pela raiz, todo! Por isso o penitente volta a ser puro, toda a mancha é eliminada e agora ele está mais branco que a neve

⁹⁰ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 16 de Março de 2016.** Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160316_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

incontaminada. Todos nós somos pecadores. É verdade isto? Se algum de vós não se sente pecador que levante a mão... Ninguém! Todos o somos.⁹¹

b) Sobre o Novo Testamento

Papa Francisco em suas audiências, após refletir sobre o Antigo Testamento, apresenta a realização da misericórdia em Jesus, tendo nos Evangelhos a experiência de Deus junto com a dimensão da misericórdia, em suas diversas parábolas e ações. A misericórdia em Jesus comunica e realiza a obra de Salvação, fazendo em sua realização o mistério da salvação e revelação do amor de Deus a todos, tendo como ápice a cruz e a ressurreição. No início de sua pregação, Jesus concentra sua missão na responsabilidade para com o mundo, procura com o batismo assumir a condição humana, junto aos pecadores, “movido pela solidariedade e compaixão”⁹². E fazendo-se próximo dos últimos e necessitados, espiritualmente e fisicamente, comunica a misericórdia como cura, sendo através do perdão o ápice de toda sua atividade. Doando sua vida, ele busca a todos com o coração do Pai, reconciliando toda a existência. E mostra a dimensão da misericórdia em sua maneira de relacionar a Palavra do Evangelho com todas as pessoas. Ele transforma toda a existência, retirando todas as misérias e dando a possibilidade para amar e perdoar.

A misericórdia tem o forte desejo de ir à busca pelo outro e apresentar a experiência de Deus. Papa Francisco descreve a vocação de Mateus, o qual fora chamado por Jesus a ser seu discípulo. Não se dirige sobre o caráter de pecado do passado de Mateus, mas sim modificando com a reconciliação. Mateus aceita o convite e segue Jesus. Com a alegria e a vontade de ser de Jesus, Mateus deixa suas atividades de pecador público e torna se um dos seguidores do mestre, Jesus.

O modelo do chamado de Mateus apresenta algumas características para o entendimento da misericórdia, apresentado pelo Papa Francisco. Jesus, ao valorizar o ser humano, chama Mateus a ser diferente daquilo que vivia até então, de pecador público, ele o transforma em um homem de conversão. Assim é valorizada toda a sua

⁹¹FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 30 de Março de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160330_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁹²FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 06 de Abril de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160406_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

maneira de responder aquele chamado, com o seguimento no qual ele se esquece do seu passado.

Observamos dois ensinamentos: da conversão de Mateus e de não julgar Mateus. Desta maneira, Jesus vê naquele homem a misericórdia instaurada no seu coração. Papa Francisco, além de descrever essa experiência forte vivida na vida de Mateus, adverte a Igreja no mesmo sentido, para restaurar a ação misericordiosa de Deus com os membros da Igreja. E cada um, de modo pessoal, sair do legalismo e da indiferença. No meio da Igreja, muitos estão como Mateus. Em muitos casos, é preciso não continuar no mesmo estágio. Por causa de várias pessoas, acontece também que outras pessoas se afastam de estarem frequentando cultos e pastorais; isso tudo devido aos julgamentos precipitados, reduzidos a preconceitos e rótulos, retirando a perfeita alegria do chamado e da experiência de Deus. E como consequência, se desvaloriza a Palavra e afasta da proposta do Evangelho, nutrindo as hipocrisias e falsas desculpas. Desta forma, Papa Francisco faz uma correção pelos princípios mais ternos da misericórdia, valorizar o indivíduo e o resgatar a graça da santidade, como na vocação de Mateus.

A soberba e o orgulho são um muro que impedem a relação com Deus. E no entanto, a missão de Jesus é precisamente esta: vir à procura de cada um de nós, para curar as nossas feridas e para nos chamar a segui-lo com amor. Di-lo claramente: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os doentes” (v. 12). Jesus apresenta-se como um bom médico! Anuncia o Reino de Deus, e os sinais da sua vinda são evidentes: Ele cura das doenças, liberta do medo, da morte e do demônio. Diante de Jesus, nenhum pecador deve ser excluído — nenhum pecador deve ser excluído! — porque o poder purificador de Deus não conhece enfermidades que não possam ser curadas; e isto deve dar-nos confiança e abrir o nosso coração ao Senhor, a fim de que venha e nos cure. Chamando os pecadores à sua mesa, Ele cura-os restabelecendo-os naquela vocação que eles julgavam perdida e que os fariseus tinham esquecido: a de convidados para o banquete de Deus. Segundo a profecia de Isaías: “O Senhor dos exércitos preparou para todos os povos, nesse monte, um banquete de carnes gordas, um festim de vinhos velhos, de carnes gordas, de vinhos velhos purificados... E naquele dia dirão: eis o nosso Deus, do qual esperamos a nossa libertação. Congratulemo-nos, rejubilemo-nos pelo seu socorro” (25, 6-9).⁹³

Em outro momento de suas audiências, Papa Francisco refere-se ao texto lucano do bom samaritano (cf. Lc 10, 25-37). Menciona um doutor da lei que pergunta ao mestre, Jesus como ganhar a vida eterna. A parábola é um ensinamento sobre a

⁹³FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 27 de Abril de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

esperança da vida eterna, mas passando por uma condição bastante clara, a obediência a Deus nos mandamentos. São analisados os ensinamentos a partir da ajuda ao outro. Jesus, ao responder ao Samaritano, descreve a iniciativa do homem que, ao passar naquele lugar, onde encontrava o homem caído, busca restaurar sua enfermidade.

A parábola oferece um grande ensinamento de percepção e atenção, focado sempre no projeto da misericórdia, que é um chamado que Deus faz a cada homem e mulher, no desejo que sejam oferecidos aos outros o projeto do amor de Deus. Papa Francisco apresenta que “não é automático que quantos frequentam a casa de Deus e conhecem a sua misericórdia saibam amar o próximo”⁹⁴. Esta forma de ignorar diz respeito ao modo corriqueiro e sem atenção com que somos levados geralmente no cotidiano, como acentua o Pontífice em sua audiência, que somos levados a não perceber o outro, acontecendo, sim, um ignorar o sofrimento do outro, significando ignorar o próprio Deus.

De outro modo, verificamos com o Papa Francisco, na mesma parábola, uma antítese para o mundo moderno: contra a indiferença devemos ter a compaixão, primeira autonomia ou decisão de percepção do mundo com relação ao outro. Esta percepção de profunda caridade e atenção invade o samaritano, que acorrendo ao homem, enche-se de compaixão, seu coração sintoniza com o homem que sofre, porque sua atenção está em Deus. Nesta ação comovente da parábola percebemos o amor do agir misericordioso de Deus, consolando com o mais sublime ou a ação mais perfeita, porque o samaritano amou o próximo como a si mesmo, amou de acordo com a misericórdia de Deus. Esta é a novidade do amor misericordioso, enxergar as vísceras do interior, o essencial do humano e sua necessidade, na mais silenciosa escuta do ensinamento de Deus. A misericórdia é esta atenção de ser o bom samaritano, cheio de compaixão, que caminha sempre ao lado de Cristo e percorre o caminho com a vida interior, movido pelo coração, ao encontrar-se com o outro.

A inversão da parábola acontece quando o doutor da lei entende o ensinamento bíblico do texto, onde a narrativa, mostrando o comportamento do samaritano, reconhece naquele ensinamento e naquele comportamento o próprio Cristo,

⁹⁴FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 27 de Abril de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

que identifica o sofrimento da humanidade, recolhe suas feridas e com caridade age com amor misericordioso. E Jesus então questiona ao doutor da Lei quem é o próximo, e com a resposta dele, mostra-se a conversão e o sentimento de estima pelo próximo. O samaritano é que se torna o próximo.

Concluindo a parábola, Jesus inverte a questão do doutor da Lei e pergunta-lhe: “Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?” (v. 36). A resposta é finalmente inequívoca: “Aquele que foi misericordioso para com ele” (v. 27). No início da parábola, para o sacerdote e para o levita o próximo era o moribundo; no final, o próximo é o samaritano que se fez próximo. Jesus inverte a perspectiva: não classifique os outros para ver quem é próximo e quem não é. Tu podes tornar-te próximo de quem quer que se encontre em necessidade, e sê-lo-ás se no teu coração sentires compaixão, ou seja, se tiveres a capacidade de padecer com o outro.⁹⁵

Papa Francisco em uma das audiências faz alusão à narrativa do texto lucano, a parábola do fariseu e do publicano, exortando sobre a necessidade de apresentar a oração com os sentimentos de sinceridades, buscando um verdadeiro encontro com Deus e assumindo os reais ensinamentos para uma conduta mais sincera ao outro e a si mesmo. Através da parábola, reconhece o real sentido da oração e a contemplação da misericórdia, com o exercício de silêncio e humildade.

A parábola do fariseu e do publicano relaciona dois homens que fazem suas orações no templo e a maneira particular de se apresentarem a Deus. O fariseu reza para Deus e olha para si mesmo, vendo suas próprias necessidades e comparando a vida legalista as suas práticas rigorosas, e julga os que na sua maneira estão contrários ao sentido da Lei. O publicano referência a majestade, o Senhor, se coloca à distância; dessa forma, a narrativa diz o modo de justificação do publicano e mostra a consequência para o fariseu, que está fora do encontro com Deus, que se encontra consigo e não com Deus.

Francisco deixa claro na catequese do “publicano e do fariseu” a necessidade de estarmos em oração pessoal constante e apresentar a Deus como somos, deixando que possa sucumbir toda a tentação de hipocrisia, recuperando o silêncio e a intimidade que fazem reconhecer nossos pecados.

⁹⁵FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 27 de Abril de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160427_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

Portanto, não é suficiente perguntar-nos *quanto* oramos, mas devemos interrogar-nos também *como* rezamos, melhor, *como é o nosso coração*: é importante examiná-lo para avaliar os pensamentos, os sentimentos, e extirpar a arrogância e a hipocrisia. Mas eu pergunto: é possível rezar com arrogância? Não! Com hipocrisia? Não! Só devemos orar pondo-nos diante de Deus tais como somos. Não como o fariseu, que rezava com arrogância e hipocrisia. Vivemos todos arrebatados pelo delírio do ritmo diário, muitas vezes à mercê de sensações, atordoados, confusos. É preciso aprender a encontrar o caminho do nosso coração, recuperar o valor da intimidade e do silêncio, pois é ali que Deus nos encontra e nos fala. Só a partir dali podemos por nossa vez encontrar os outros e falar com eles. O fariseu vai ao templo, sente-se seguro de si mesmo, mas não se dá conta de ter perdido o caminho do seu coração.⁹⁶

Em algumas audiências papais no ano jubilar fica também a clara a consideração dos ensinamentos do Apóstolo São Paulo. Papa Francisco em diversas audiências cita textos conhecidos das Cartas Paulinas, enfatizando o uso do vocábulo “misericórdia” e suas expressões. E apresenta à Igreja o sentido de perdão recebido da graça de Deus, como misericórdia de Deus, trazendo também o sentido do amor serviço concreto aos outros, sendo suscitado pelo Espírito Santo, com seus dons e carismas, fazendo com que a Igreja cresça na misericórdia comunitária e na ação dos serviços dos seus carismas (cf. 12, 4-11).

O ensinamento do apóstolo Paulo, como forte dimensão humana caritativa, podemos perceber em uma das importantes missões do Papa no seu pontificado, procurando transformar pela sua mensagem os corações endurecidos, para serem mais misericordiosos, em serviço autêntico e perceptivos aos mais necessitados da sociedade. Em uma das suas audiências fica nítida esta valorização, quando anuncia o sentido da partilha e a esmola. Francisco cita um texto do Apóstolo São Paulo e agradece a todos que ouviam, mencionando a importante missão de doar-se em favor da humanidade e pelo crescimento em Cristo. O papa toma as palavras de Paulo para lembrar dos pobres e fracos:

Façamos então nossas as palavras do apóstolo Paulo: “Em tudo vos tenho mostrado que assim, trabalhando, convém acudir os fracos e lembrar-se das palavras do Senhor Jesus, porquanto ele mesmo disse: “É maior felicidade dar que receber!”(At 20, 35; cf. 2 Cor 9, 7). Obrigado!⁹⁷

⁹⁶ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 1 de junho de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160601_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁹⁷ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral, 9 de abril de 2016**. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160409_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

A justificação é um dos mais importantes temas teológicos desenvolvidos nos textos Paulinos. A justificação é ação de misericórdia na qual Deus dá também a reconciliação. Papa Francisco convida, durante o ano jubilar, a busca pela reconciliação com Deus, na sua obra redentora, onde todos são convidados a receber a justificação e a ter consciência da docilidade ao Espírito, pois, para onde o pecado domina, a misericórdia inunda (cf. *Rm 5,20*). Portanto, ninguém fica afastado dessa dádiva e somos chamados por Deus a transformar as vidas e fazer experiências sensíveis da Graça de Deus. O pecador não pode ficar no abandono ou afastamento da mais bela iniciativa de Deus, de fazer arrepender-se e encontrar a possibilidade de superar o pecado.

Reconciliai-vos com Deus!” (2 *Cor 5, 20*): a admoestação que o apóstolo Paulo dirigiu aos primeiros cristãos de Corinto é válida hoje, com o mesmo vigor e convicção, para todos nós. Deixemo-nos reconciliar com Deus! Este Jubileu da Misericórdia é um tempo de reconciliação para todos. Muitas pessoas gostariam de se reconciliar com Deus mas não se sentem dignas, ou não querem admiti-lo nem sequer a si mesmas. A comunidade cristã pode e deve favorecer o retorno sincero a Deus de quantos sentem a sua nostalgia. Sobretudo quantos realizam o “ministério da reconciliação” (2 *Cor 5, 18*) estão chamados a ser instrumentos dóceis ao Espírito Santo para que onde abundou o pecado possa superabundar a misericórdia de Deus (cf. *Rm 5, 20*).⁹⁸

A misericórdia assume em si um sentido espiritual que aproxima o cristão a uma prática perseverante de estima a obras concretas, como meio de alcançar a fé e a paz. Esta disposição da fé e da paz, com obras concretas, como Papa Francisco menciona, seguem a misericórdia de Cristo que se traduz em gestos concretos. „As obras se apresentam em duas audiências no texto de São Tiago 2, 14-17, durante o ano jubilar. Esta prática da obra de misericórdia, na paz e nas obras de fé, é um antídoto necessário contra o individualismo do mundo contemporâneo. A intenção é transformar o endurecimento do coração em doação de uma identidade da misericórdia.

Papa Francisco menciona o estilo de vida no mundo que se faz apenas como “bem estar”,⁹⁹ onde se foge da estrutura das obras de misericórdia, as pessoas iludidas com o pensamento de uma vida efêmera e uma letargia espiritual, tornando-se estéreis e

⁹⁸ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**, 30 de abril de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20160430_udienza-giubilare.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

⁹⁹ FRANCISCO, Papa. **Audiência Geral**, 19 de outubro de 2016. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161019_udienza-generale.html>. Acesso em: 22 mar. 2017.

inacessíveis aos mais necessitados, cheias de compromissos. Muitos casos de ajuda se apresentam nos meios de comunicação, mas em muitos outros casos as pessoas se afastam do sentido da misericórdia e não se envolvem com a prática da misericórdia assumida por Cristo.

Papa Francisco menciona a consciência pessoal e comunitária para envolver o cristão na prática das verdadeiras obras da misericórdia. Isso toca as pessoas com obras pelos mais necessitados, saindo da letargia espiritual, e tendo como estilo centrado e equilibrado uma espiritualidade da misericórdia, onde o real encontro com Cristo favorece o meio de se envolver com outro. Esse estilo de ação retira da hipocrisia dispendiosa e da comoção onde seriam mais importante as campanhas e as mídias de ajuda do que o envolvimento em si, o crescimento espiritual e a partilha do coração e do amor de Cristo. Temos em muitos casos fantasias espirituais disfarçadas em campanhas de doações, favorecendo diversas doenças espirituais, como pessoas que não ajudam aos seus familiares, mas promovem campanhas distantes do seu cotidiano:

Face a determinadas notícias e sobretudo a certas imagens, a opinião pública comove-se e têm início campanhas de ajuda para estimular a solidariedade. As doações são generosas e deste modo podemos contribuir para aliviar o sofrimento de muitos. Esta forma de caridade é importante, mas talvez não nos envolve diretamente. Quando, ao contrário, indo pelas ruas, nos cruzamos com uma pessoa em necessidade, ou um pobre bate à porta da nossa casa, é muito diferente porque já não estamos diante de uma imagem, mas somos envolvidos em primeira pessoa. Já não há distância alguma entre mim e ele ou ela, e sinto-me interpelado. A pobreza em abstrato não nos interpela, mas faz-nos pensar, faz-nos lamentar; contudo quando vemos a pobreza na carne de um homem, de uma mulher, de uma criança, isto nos interpela! E portanto, o hábito que temos de fugir dos necessitados, de não nos aproximarmos deles, colorindo um pouco a realidade dos necessitados com os hábitos da moda para nos afastar dela. Quando me cruzo com o pobre já não há distância alguma entre nós. Neste caso, qual é a minha reação? Desvio o olhar e sigo em frente? Ou paro para falar e interesso-me do seu estado? E se fizermos isto haverá alguém que diz “Este é louco porque fala com um pobre!”. Verifico se posso acolher a pessoa de algum modo ou procuro livrar-me dela rapidamente? Mas talvez ela peça só o necessário: algo para comer e beber. Pensemos um momento: quantas vezes recitamos o “Pai-Nosso”, e no entanto não prestamos atenção àquelas palavras: “O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.¹⁰⁰

3.4.2

Considerações sobre ensinamento bíblico da misericórdia

¹⁰⁰ Ibid., loc. cit.

No ano Jubilar da Misericórdia a Igreja se volta, após a proclamação do Papa Francisco, a uma investigação de alguns textos importantes para compreensão da misericórdia, com diversos teólogos motivados em promover o encontro da misericórdia na mais bela prática, a vontade de Deus aos homens. Nos escritos por vários autores, destacaram-se sempre as influências das narrativas bíblicas, importantes para destacar a misericórdia e sua práxis na Igreja. Por isso procuramos nesta seção, para um comentário final do capítulo, destacar alguns assuntos importantes e autores para marcar a compreensão do ensinamento da misericórdia na Sagrada Escritura.

A misericórdia se compreende no agir de Deus, nas suas diversas intervenções junto ao povo de Deus, percebidos na ação da Palavra. A palavra “misericórdia” nas Sagradas Escrituras se reconhece em todo seu agir. Mesmo em alguns relatos não aparecendo seu termo da origem hebraica ou grega, se verifica na extensão do contexto bíblico a riqueza do sentido de compaixão e paciência de Deus, ou lentidão para a cólera, no seu sentido mais rico de benevolência, paz, ética e amor, e perdão, favorecendo decisivamente também a vida prática das pessoas na sociedade, agindo sempre no envolvimento pela mudança radical de atitude do homem para o próximo e para com Deus.

O autor Leonardo Agostini Fernandes verifica a essência da misericórdia no Antigo Testamento, analisa no comportamento humano o reflexo do conhecimento a respeito de Deus e apresenta, nos diversos textos analisados do Antigo Testamento, o agir de acordo com o ser de Deus, também a fé das pessoas e do povo. Deus conduz o projeto de libertação na aliança com Israel nas diversas etapas da trajetória do povo de Deus, favorecendo o chamado das pessoas e a mudança radical de suas vidas, mostrando sempre uma vocação de fidelidade ao Senhor e de seguir seu ensinamento. Dessa maneira, o modo de revelar-se de Deus manifesta sua grandiosa presença de compaixão e perdão:

A compaixão, a bondade e a misericórdia reveladas na história desse povo e além dele, são atributos que se percebe, se conheça e se diga algo sobre Deus. Visto que o “agir segue o ser”, Deus, por sua compaixão, bondade e misericórdia, manifesta o seu ser e a sua natureza na história da humanidade.¹⁰¹

¹⁰¹ FERNANDES, Leonardo Agostini. “A Base Veterotestamentária da Imitação de Deus em Lc 6,36-38”. In.: FERNANDES, Leonardo Agostini (org) **Traços da Misericórdia de Deus Segundo Lucas**. Santo André; Rio de Janeiro: Academia Cristã; Editora PUC-Rio, 2016, p.11.

Nos textos do Antigo Testamento verificamos a aplicação do termo “misericórdia” na raiz da língua hebraica onde se expressa a compreensão dos afetos e sentimentos humanos, enquanto no grego o termo passa a ter um “caráter psicológico e, de certa forma, possuem um predomínio jurídico e argumentativo da razão”.¹⁰² E com seu uso e tradução percebemos a variação das deduções do vocábulo “misericórdia” em cada momento histórico do povo de Israel. Temos a exposição dos conceitos vindo da experiência dos hagiográficos, como nos apresenta Leonardo Agostini, quando nos apresenta a forma teológica de compreender a misericórdia, em diversos textos do Antigo Testamento que nos aproximam da mensagem do Novo Testamento:

A mensagem bíblica da misericórdia de Deus inicia com a experiência da primeira miséria humana. Uma história das misericórdias de Deus tem início e, nela, o ser humano começa a descobrir a presença e a ação de Deus como próximo, providente, santo, justo, paciente e misericordioso.¹⁰³

Domenico Cancian destaca o sentido da misericórdia, no Novo Testamento, onde compreende: “(...) Significa o amor de Deus com a criação e a aliança.”¹⁰⁴ Para o autor, Deus permanece fiel mesmo quando o povo o trai. Deus auxilia a libertação de maneira existencial, mas também de forma territorial, consequência das diversas circunstâncias passadas pelo povo eleito, onde mostra que “este amor misericordioso é gratuito para todos”¹⁰⁵.

Deus não interrompe seu agir, mesmo diante das impossibilidades do povo, é de sua natureza agir com misericórdia, mostrando seu pleno ápice em Jesus Cristo, “por meio de gestos ou palavras lhe revela a misericórdia do Pai”¹⁰⁶. Portanto, Domenico busca nos Evangelhos a seguinte indagação: “Quais são as características dessa face misericordiosa de Deus revelada por Jesus?” Ao perceber a complexidade dessa pergunta, podemos elaborar uma resposta, onde acompanha o desafio do próprio

¹⁰² FERNANDES, Leonardo Agostini. **Eterna é a sua misericórdia. Reflexões bíblicas e Leituras Orantes**. São Paulo: Paulinas, 2016. p.23.

¹⁰³ Ibid., p. 29.

¹⁰⁴ AUGUSTIN, George. “La misericórdia, redescubrimiento de la vocación Cristiana”. In.: AUGUSTIN, George (ed.). **El evangelio de la misericórdia**, Maliaños (Espanha): Editorial Sal Terrae, 2016, p. 39.

¹⁰⁵ CANCIAN, Domenico. “O Evangelho da Misericórdia”. In.: VIRGILI, Rosana [et al]. **Misericórdia: face de Deus e da nova humanidade**. [trad.: Silva Debetto Cabral Reis]. São Paulo: Paulinas, 2006. p.40.

¹⁰⁶ CANCIAN, Domenico. “O Evangelho da Misericórdia”. p. 93.

autor, a misericórdia de Deus é agir com sua onipotência divina: “Deus é Pai, de quem provém toda a misericórdia com a qual seremos beneficiados”¹⁰⁷

Com o sentido etimológico da palavra, temos observado o destaque para os fatos narrados nos eventos bíblicos, onde os autores procuram alicerçar a revelação de Deus a um nascimento de uma ética da misericórdia, reconhecendo sempre nos feitos de Deus uma origem do coração do homem que perfaz a ação no sentido do bem.¹⁰⁸ Neste sentido a manifestação da revelação de Deus faz com que o ser humano faça seu modo de agir numa liberdade de características fortemente elaboradas por uma espiritualidade da misericórdia. O amor se faz dom, modelo de liberdade e doação de Deus em todo o seu sentido.

Nesta maneira de compreender a Deus e sua misericórdia de doação, Raniero Cantalamessa diz que Deus age de maneira visceral, observa o sofrimento do homem, sofre com o amor “visceral”. No Antigo Testamento se compreende que “a reação de Deus perante infidelidade do seu povo é comparável ao sentimento visceral de amor/dor que uma mulher experimenta perante a rebeldia ou a desgraça da sua criatura.”¹⁰⁹ Raniero compreende que Deus aceita a ser sofrimento, e o intervém até o máximo da ação de sua misericórdia, a entrega na Cruz. E mesmo diante dos diversos momentos históricos da própria iniciativa de Deus, na Palavra, Deus manda o profeta Oseias, mostrando toda a sua dor do seu coração pela humanidade (cf. Os 11, 8-9).

Raniero afirma que a misericórdia é uma maneira de falar do amor de Deus, de forma especial, onde somos atraídos por Ele para entrar no fundo de seu modo e somos atraídos:

Na verdade, mistério da misericórdia identifica-se, na Bíblia, com o mistério puro e simples de Deus. É a sarça ardente da qual não podemos aproximar sem antes nos termos descalçado, e sem haver abandonado a pretensão de avançar sozinho, com os nossos raciocínios.¹¹⁰

Para a misericórdia ser bem compreendida nos textos sagrados, e revelar ao leitor, se faz necessário analisar todo o conjunto da Sagrada Escritura. A misericórdia não está apenas na mera compreensão de um verbete bíblico ou de apenas uma parte do

¹⁰⁷ Ibid., p. 41.

¹⁰⁸ SÖDING, Thomas. “La misericórdia: don de Dios y misión”. In.: AUGUSTIN, George. **El evangelio de la misericórdia**. Maliaño (Espanha): Editorial Sal Terrae, 2016. p. 19.

¹⁰⁹ CANTALAMESSA, Raniero. **O Rosto da Misericórdia**, São Paulo: Paulus, 2016, p. 19.

¹¹⁰ Ibid., loc.cit..

Antigo ou Novo Testamento, portanto não se refere só a Deus, “não é algo que se inicia e finaliza em Deus; não é algo exclusivo de Deus e limitado a apenas sua ação”¹¹¹, mas está também na dinâmica do homem deixar-se afetar por Deus. Percebemos a experiência do agir de Deus no ser do homem tocado pela compaixão e misericórdia, promovendo um movimento de mudança radical de vida, e meios para observar conscientemente o seu ser distante de Deus.

Segundo o estudo de Isidoro Mazzarolo, a misericórdia de Deus está ligada ao sentido dos diversos ritos de pureza, onde acontece o resgate e mudança de postura por parte de quem sente a misericórdia. Por isso, em Cristo mostra-se a necessidade de superação dos diversos paradigmas das tradições passadas, e nessas relações entre puro e impuro, Cristo apresenta uma nova maneira de lidar com o sagrado e sua satisfação se dá na permissão de sentido da dimensão da misericórdia de Deus. Dessa maneira, os diversos instrumentos do Antigo Israel assumidos no Novo Testamento fazem com que na pessoa de Cristo, tenha-se um novo jeito de conhecer a fé e a religião, provocando novas formas de condutas éticas e morais, mais do que dos costumes, dos preceitos, dos ritos. Portanto, Isidoro afirma: “Para fazer a misericórdia, Jesus precisou contrariar, superar e, quando necessário, anular as prescrições marginalizadoras.”¹¹²

Na iniciativa da misericórdia assumida em Cristo, Isidoro mostra a necessidade de largar certas ações passadas e contraria a rigidez da Lei e a incoerência da vida pessoal e comunitária, códigos de leis errôneos e obsoletos, de modo a serem injustos com os mais pobres da sociedade, os doentes, as viúvas e os órfãos. Portanto, se faz necessário um novo jeito de compreender a autoridade da Palavra de Cristo e se faz necessário um novo jeito de caminhar com Deus, sendo justo e mais fraterno, exercitando o amor no mais forte desejo de Deus, e encontrando Deus no sofrimento e ao refazer suas vidas, e indo ao encontro dos outros:

A misericórdia exige sair do lugar, ir ao encontro, sujar as mãos através do afago, do afeto, do encontro, do perdão e do amor que ultrapassa e supera qualquer

¹¹¹ SILVEIRA, Rogério G. “Porque para sempre é a misericórdia dele”. *A Heseb do Senhor no SI 136*. In: GARMUS, Ludovico. (Ed). *Bíblia misericórdia e compaixão - Estudos Bíblicos*. Vol. 33. N.130. Petrópolis: Vozes, 2016, p. 33.

¹¹² MAZZAROLO, Isidoro. “A Misericórdia exige proximidade e aproximação: uma leitura da superação do puro e impuro em Lc 7, 11-17; 10, 29-37; 15, 11-32.” *Traços da Misericórdia de Deus: Segundo Lucas*. In FERNANDES, Leonardo Agostini (org) Santo André; Rio de Janeiro: Academia Cristã; Editora PUC-Rio, 2016, p. 90.

¹¹² *Ibid.*, p. 75.

princípio de ruptura ou segregação por critérios de cor, raça, cultura ou religião (Gl 3, 28; Cl 3,11).¹¹³

O conceito de misericórdia recebe seu rico sentido na origem do Antigo Testamento, de vista “teocêntrico e lugar ético”¹¹⁴. Deus atua no homem de maneira relacional exigindo dele uma decisão pessoal que favoreça a iniciativa pessoal. Temos em Israel, com Abraão o primeiro momento dessa atitude de Deus. Ao chamar Abraão para o povo de Israel, faz com que ele largue tudo e socorra o povo perdido e o leve a outros lugares. Abraão ao aproximar-se a Deus, elabora o sentido da estima misericordiosa, em deixar-se tocar. Na fé daquele homem, Deus poderia retirar a descendência de toda a opressão e miséria, e o contagiando em nova relação de bênção a ele e a toda sua descendência, esta possibilidade só fora possível, quando o dom da misericórdia deixou-se ser envolvido.

A misericórdia se faz na clemência e solicitude de Deus, da sua graça, da sua misericórdia e compaixão. Este é um dos episódios, mas em toda a extensão dos textos do Antigo Testamento onde recorda essa dinâmica, como nos mostra Thomas Söding, onde a expressa como a misericórdia no sentido de “fórmula de graça” e se expressa nos textos importantes do Antigo Testamento, tais como: Ex 34,6s; Nm 14,18; Ne 9,17; Sl 86,15; Sl 103, 8; 116, 15; 145,8; Jo 4,2; Sb 15,1; como também em Tg 5,11. E Thomas Söding ousa refletir a misericórdia como “lado materno de Deus”, pois este autor une toda a capacidade de Deus em sua transformação, emoção e empatia.¹¹⁵ Nos diversos episódios da Palavra, a misericórdia de Deus atua mostrando a comunhão entre Deus e o homem, transparecendo toda sua caridade.

No Livro do Gênesis percebemos a fase da misericórdia envolvendo eventos conflituosos e que só através da intervenção amorosa de Deus permite o rico encontro de Deus com o seu povo e sua livre iniciativa de misericórdia. O autor Vicente Artuso em seu artigo destaca a reprovação de Deus no Livro do Gênesis contra os conflitos de vingança e violência, no qual reage com misericórdia. A gratuidade e a misericórdia são explicitas na promessa de Abraão. Ele é justificado pela sua fé. Abraão é eleito para ser pai de uma nação. Assim começa toda a compreensão da Palavra acerca do encontro envolvido pelo sofrimento do humano, promovendo sua libertação.

¹¹³ Ibid., p. 90.

¹¹⁴ SÖDING, Thomas. “La misericórdia: don de Dios y misión”. In.: AUGUSTIN, George. **El evangelio de la misericórdia**. Maliaño (Espanha): Editorial Sal Terrae, 2016. p. 20.

¹¹⁵ SÖDING, Thomas. “La misericórdia: don de Dios y misión”, p. 21.

No texto lucano percebemos toda a dinâmica da misericórdia de Deus. O cerne do acontecimento está no sermão da planície (cf. Lc 6,36), texto também mencionado por Papa Francisco¹¹⁶, onde ele fala do rosto da misericórdia do Pai, proclamando no jubileu esse importante texto. Ao proclamar as quatro bem-aventuranças, no Evangelho Lucano, Cristo mostra como devemos agir não mais em detrimento ao mal que causam as diversas situações da vida, mas como se faz a ação do bem, tocados pelo Pai. Ildo Perondi descreve como o evangelista Lucas transmite o sentido da compaixão, mais do que ética e moral, é mística do humano misericordioso. O autor, usando do amor da face do Pai, onde Jesus mostra a essência vital da Salvação a todos, mostra a pedagogia da inclusão, cura as enfermidades psíquicas e espirituais, justamente pela sua ênfase voltada à misericórdia.

A intenção de Perondi é apresentar que a misericórdia descrita no Evangelho de Lucas assume orientações fundamentais na formação pessoal e comunitária para o cristão, indicando que em muitos momentos de distração e problemáticas, a reflexão ajuda a superar os diversos conflitos e assumir novamente o perdão e a bondade provinda da eficácia do testemunho do Evangelho.

Estas orientações são fundamentais para que a comunidade cresça e sobreviva. A comunidade de irmãos não é formada por anjos celestiais imunes ao mal e ao pecado. Os conflitos e diferenças são próprios dos seres humanos. Mas é preciso aprender a conviver com eles, superar diferenças, praticar a tolerância, respeitar as fragilidades e mesmo pecados dos irmãos. Só o perdão e a bondade restauram as feridas na comunidade de irmãos. E então Jesus nos convida à prática da misericórdia, porque assim é o agir do nosso Deus.¹¹⁷

O Evangelho de Lucas nos convida a visitar a imagem do Pai misericordioso, nas diversas parábolas, revelando o rosto da dimensão da misericórdia e espera dos que lerem as narrativas, uma atitude semelhante ao do Pai (cf. Lc 6,36), e esta é a dimensão dos textos bíblicos: conhecer o sentido da misericórdia nos textos narrados no Antigo e Novo Testamento. No ápice do conhecimento da misericórdia está o texto lucano com as diversas ocorrências do termo “misericórdia”. Portanto, Perondi apresenta que o Evangelho mostra estas duas dimensões de grande importância: revelar

¹¹⁶FRANCISCO, Papa. **Bula Rosto da Misericórdia: *Misericordiae. Vultus***, 2015, n. 14.

¹¹⁷ PERONDI, Ildo. “**Lucas: o Evangelho da Misericórdia!**”. In: GARMUS, Ludovico. (Ed). **Bíblia misericórdia e compaixão** - Estudos Bíblicos. Vol. 33. N.130.. 2016, p. 58.

o rosto do Pai e nos interpelar a sermos também misericordiosos, sobretudo com as pessoas excluídas, marginalizadas e perdidas.¹¹⁸

O Pai misericordioso oferece o rosto misericordioso nas parábolas do Evangelho lucano, centralizando o pensamento da misericórdia no capítulo 15. Segundo o autor Ronaldo L. Colavecchio, a misericórdia na intimidade do perdão, dos que aceitam e realizam a conversão, determina o fruto da promessa do Espírito Santo, a alegria, levando o contentamento do amor do rosto do Pai, sua misericórdia. A alegria se dá na ação da reconciliação, no desejo de realizar para a humanidade a misericórdia de Cristo; dessa forma “Jesus vai descrever o coração misericordioso do Pai que nos convida a esta condição de filhos e filhas”¹¹⁹, o seu perdão fica centralizado na proposta do Reino de Deus, que é também de misericórdia, salvação e alegria.

Todos esses autores mostram o tema da misericórdia a partir das Escrituras. Vimos que Walter Kasper aprofundou bem os diversos textos bíblicos sobre a misericórdia e que isso é um tema importante mostrado por outros autores. Vimos que o Papa Francisco enfatizou o tema da misericórdia no Jubileu e aprofundou os textos bíblicos. No próximo capítulo continuaremos a estudar o tema da misericórdia de Deus e de sua importância na vida da Igreja.

¹¹⁸ Cf. Ibid., p. 66.

¹¹⁹ COLAVECCHIO, Ronaldo L. **Jesus e a comunidade do Reino no Evangelho de São Lucas. O vendaval da misericórdia na vida dos discípulos e do mundo.** São Paulo: Loyola, 2013. p.88.